



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

Determinantes da Intenção Empreendedora no Ensino Superior Português da Região Centro

Rui Filipe Pereira dos Santos

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Empreendedorismo e Criação de Empresas
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Maria José Madeira

Covilhã, Junho de 2016

Dedicatória

Dedico a todos aqueles que sem eles nada seria possível.

A minha família e namorada.

Agradecimentos

A realização deste trabalho contou com o imprescindível apoio e motivação de inúmeras pessoas, sem os quais este trabalho não se teria tornado uma realidade. A estas pessoas, que me acompanharam nesta etapa, estou profundamente grato.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, o Professora Doutora Maria José Madeira, pela oportunidade que me deu em realizar este trabalho, pela confiança que depositou em mim na sua realização, e por todo o auxílio e orientação que me concedeu quando deles necessitei.

Aos docentes, que encontrei no mestrado, pela sua participação na minha formação.

A todos os que colaboraram no preenchimento do questionário que elaborei para a concepção do estudo empírico, sem eles não teria sido possível a conclusão deste trabalho.

Aos meus amigos, pela amizade, companheirismo, motivação e apoio que sempre me deram a cada passo. Um especial agradecimento ao meu amigo Renato Carvalho pela sua disponibilidade sempre que necessitei.

À minha namorada, Ana Figueira, por toda a paciência, compreensão e companhia que me deu durante esta etapa.

À minha família, por toda a ajuda que continuamente e incondicionalmente me ofereceram, mas também pelo apoio que sempre mantiveram ao longo deste período.

Resumo

Atualmente existe uma sociedade muito competitiva e, cada vez mais, torna-se relevante incentivar uma atitude empreendedora criando e estimulando empreendedores. O processo empreendedor é uma importante contribuição para a elaboração de novos negócios e empresas, assim como a criação de emprego. Para isso, é importante explorar novas oportunidades e correr riscos. Desta forma, e identificando a importância do empreendedorismo, o objetivo deste estudo consiste em perceber de que forma é influenciada a intenção empreendedora, bem como duas dimensões que desta derivam - a probabilidade empreendedora e a propensão empreendedora, dos estudantes do ensino superior português da região centro, segundo vários fatores determinantes da mesma. Através da revisão de literatura, procura-se explicar os temas essenciais ao presente estudo, assim como os fatores determinantes da intenção empreendedora abordados nesta investigação - o Ensino do empreendedorismo, Autoeficácia, Antecedentes Familiares e Propensão para assumir riscos. Após a explanação teórica, é feita a formulação das hipóteses de investigação. Para o estudo empírico das hipóteses de investigação foram utilizados dados primários, uma amostra de 132 respostas, recolhidas através da aplicação de um questionário *online*, construído com questões retiradas da versão portuguesa do questionário do EEP (*Entrepreneurship Education Project*) aplicado em Portugal. O questionário foi aplicado a todos os participantes, das edições de 2010 a 2015, do CEBT (Curso de Empreendedorismo de Base Tecnológica) das instituições de ensino superior português participantes, Universidades de Aveiro, Coimbra e Beira Interior. Analisando os resultados, foi possível concluir que as variáveis Ensino do empreendedorismo, Autoeficácia, Antecedentes familiares e Propensão para assumir riscos, influenciam positivamente a intenção empreendedora dos inquiridos. Relativamente aos resultados da variável Probabilidade empreendedora, conclui-se que apenas o Ensino do empreendedorismo e a Autoeficácia influenciam esta positivamente. Por fim, a variável Propensão empreendedora é influenciada positivamente, apenas, pela Propensão para assumir riscos.

Palavras-chave

Empreendedorismo, Intenção Empreendedora, Probabilidade Empreendedora, Propensão Empreendedora, Ensino do Empreendedorismo, Fatores determinantes.

Abstract

Today's society is a very competitive one, and as such it becomes increasingly more relevant the nurturing of an entrepreneurial attitude that helps to create and stimulate entrepreneurs. The entrepreneurial process is an important contribution to the formulation of new businesses and companies, as well as to the creation of new jobs. This requires, indispensably, exploring new opportunities and taking risks. As such, having recognized the importance of entrepreneurship, the objective of this study consists in understanding how entrepreneurial intention is influenced, as well as two elements that derive from it - the Entrepreneurial perceived likelihood and the entrepreneurial propensity, in college students of the Portuguese Centre Region, according to several key entrepreneurial factors. By virtue of a revision of the literature, the aspects essential to this study were expounded, along with determinant components of the entrepreneurial intention herein discussed - Entrepreneurship Education, Self-efficacy, Family business background, and Risk Taking Propensity. After a theoretical explanation, the formulation of the research hypotheses is performed. For the empirical study of the research hypotheses primary data was used - a sample of 132 questionnaire answers, collected by means of an online questionnaire, composed by questions obtained from the Portuguese version of the EEP (Entrepreneurship Education Project) questionnaire applied in Portugal. The questionnaire was presented to all participants of the 2010 through 2015 editions of the CEBT (Curso de Empreendedorismo de Base Tecnológica - Technological Based Entrepreneurship Course), in all participating higher education institutions - University of Aveiro, Coimbra, and Beira Interior. After concluding the analysis of the results, it was possible to conclude that the variables discussed - Entrepreneurship Education, Self-efficacy, Family business background, and Risk Taking Propensity, positively influence the entrepreneurial intention of those inquired. Relative to the results of the Entrepreneurial perceived likelihood variable, it was concluded that only Entrepreneurship Education and Self-efficacy have a positive impact. Lastly, the Entrepreneurial Propensity is influenced uniquely by the Risk Taking Propensity.

Keywords

Entrepreneurship, Entrepreneurial intention, Entrepreneurial propensity, Entrepreneurial perceived likelihood, Determinant factors.

Índice

1. Enquadramento do Tema	1
1.1. Justificação do Tema	1
1.2. Objetivo da Investigação	2
1.3. Questões de Investigação	3
1.4. Estrutura da Dissertação	3
2. Revisão da Literatura	5
2.1. Introdução	5
2.2. Intenção Empreendedora	5
2.3. Fatores Determinantes da Intenção Empreendedora	8
2.3.1. Ensino do Empreendedorismo	9
2.3.2. Autoeficácia	13
2.3.3. Antecedentes Familiares	15
2.3.4. Propensão para Assumir Riscos	17
2.4. Modelo de Análise	20
3. Metodologias de Investigação	21
3.1. Desenho de Investigação	21
3.2. Recolha de dados e Amostra	21
3.3. Variáveis consideradas	23
3.3.1. Variáveis Dependentes	23
3.3.2. Variáveis Independentes	25
3.4. Método utilizado	28
3.5. Síntese dos aspetos metodológicos	29
4. Análise de Dados e Discussão de Resultados	31
4.1. Caracterização da Amostra	31
4.2. Análise de Dados	34
4.2.1. Intenção Empreendedora	34
4.2.2. Ensino do Empreendedorismo	36
4.2.3. Autoeficácia	36
4.2.4. Antecedentes Familiares	37
4.2.5. Propensão para assumir riscos	38
4.3. Análise e Discussão dos Resultados	39
5. Conclusões, Limitações e Futuras Linhas de Investigação	43
5.1. Conclusões	43
5.2. Limitações do Estudo e Futuras Linhas de Investigação	46
Bibliografia	47
Anexos	53

Lista de Figuras

Figura 1 - Intenção Empreendedora por Instituições de Ensino.

Figura 2 - Modelo de Análise da Investigação.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Estudos em Portugal relativos à Intenção Empreendedora dos Alunos.

Tabela 2 - Síntese das Hipóteses e Variáveis.

Tabela 3 - Aspectos Metodológicos da Investigação.

Tabela 4 - Distribuição por Género.

Tabela 5 - Distribuição por Grupo etário.

Tabela 6 - Distribuição por situação Profissional / Formação.

Tabela 7 - Distribuição por Instituição de Ensino.

Tabela 8 - Distribuição dos Antecedente Familiares.

Tabela 9 - Distribuição por Riqueza Financeira da Família.

Tabela 10 - Análise Fatorial para Intenção Empreendedora

Tabela 11 - Distribuição das respostas a Ensino do Empreendedorismo

Tabela 12 - Análise Fatorial para Autoeficácia

Tabela 13 - Distribuição das respostas a Antecedentes Familiares

Tabela 14 - Análise Fatorial para Propensão para Assumir Riscos

Tabela 15 - Modelos de Regressões Lineares Múltiplas.

Lista de Acrónimos

AFE	Análise Fatorial Exploratória
CCIC	Câmara de Comércio e Indústria do Centro
CEBT	Curso de Empreendedorismo de Base Tecnológica
CEC	Conselho Empresarial do Centro
EEP	Entrepreneurship Education Project
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
GUESSS	Global University Entrepreneurial Spirit Students' Survey
INESPO	Innovation Network Spain-Portugal
KMO	Kaiser Meyer Olkin
OIT	Organização Internacional de Trabalho
UBI	Universidade da Beira Interior

1. Enquadramento do Tema

1.1. Justificação do Tema

O empreendedorismo é um tema que tem vindo a ser bastante explorado em diversos estudos devido ao papel que desempenha na economia e no desenvolvimento do país e das regiões. Papel este, que está associado a uma característica particular desse fenómeno, que se trata da criação de novos empreendimentos (Degen, 2009; Martes, 2010).

A geração de riqueza e os empregos associada à criação de novos negócios e de novas empresas, tornam o empreendedorismo para vez mais aliciante despertando o interesse de sociedades que procuram alternativas com vista a combater o desemprego, levando a um decréscimo do mesmo, como também, gerar crescimento económico (Tavares, Moura e Alves, 2013).

No nível político, no âmbito da Estratégia Europa 2020 do Plano de Ação Empreendedorismo 2020, recomenda que a educação e formação para o empreendedorismo, demonstrem modelos de aprendizagem experiencial e experiências do quotidiano dos empresários do mundo real. Sublinhando que a Europa tem de apresentar o empreendedorismo aos jovens, como forma de opção profissional, viável e promissora, fazendo como que renasça o espírito empreendedor em cada um. (Comissão Europeia, 2013).

Segundo a Organização Internacional de Trabalho (OIT), através de um relatório divulgado a 8 de outubro de 2015¹, Portugal apresenta uma das taxas mais elevadas de desemprego jovem da União Europeia, com 34,8%. Muito acima da média de União Europeia de 16,6%, culpando em parte estes resultados com o ambiente de austeridade em que se encontra Portugal à data do relatório. Refere ainda, que existiu um aumento do trabalho temporário, causado pela crise financeira, sendo os principais beneficiários deste tipo de emprego, os jovens que não conseguem outro tipo de trabalho.

Segundo Lucas (2001) constata-se que a formação de novas empresas tem uma relação com o mundo educacional bastante forte, onde as Instituições de ensino superior, devem investir e aplicar o ensino do empreendedorismo como ferramenta para a criação e conservação da empregabilidade dos estudantes, com o intuito de lhes apresentar aptidões e dar conhecimentos, de modo a tornar possível não só a sua entrada, mas a também a sobrevivência no mercado de trabalho numa sociedade onde existem cada vez mais

¹ Relatório de “Tendências Globais de Emprego para a Juventude 2015”. Acedido a 28/10/2015
Fonte: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_412015.pdf

rivalidades. Torna-se necessário que as instituições académicas incentivem o processo de aprendizagem com linhas traçadas para a criatividade e a inovação, incorporando ensinamentos organizacionais, tais como valores e atitudes.

Deste modo, torna-se importante analisar de que forma os estudantes do ensino superior português da região centro veem o facto de promover a criação o seu próprio negócio ou a dinamização de iniciativas empreendedoras, ou seja, tornarem-se empreendedores.

Para isso, nesta investigação será estudada a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro, e como esta é influenciada por fatores determinantes, tais como, o ensino do empreendedorismo, autoeficácia, antecedentes familiares e a propensão para assumir riscos.

Face a este propósito, esta investigação visa identificar de que formas estes fatores determinantes influenciam as intenções empreendedoras dos estudantes universitários do Ensino Superior Português. Dando desta forma, o seu contributo a esta área de investigação.

1.2. Objetivo da Investigação

O objetivo principal da investigação consiste em perceber de que forma é influenciada a intenção empreendedora, bem como duas dimensões que desta derivam - a probabilidade empreendedora e a propensão empreendedora, dos estudantes do ensino superior português da região centro, segundo vários fatores determinantes, nomeadamente: (i) Ensino do Empreendedorismo, (ii) Autoeficácia, (iii) Antecedentes Familiares, (iv) Propensão para assumir riscos. Centrando-se, a sua análise no estudo das intenções empreendedoras dos estudantes do CEBT (Curso de Empreendedorismo de Base Tecnológica), ministrado nas Universidades da Beira Interior, Aveiro e Coimbra.

A investigação tem em vista alcançar, ainda, os seguintes objetivos:

- Identificar as intenções empreendedoras dos estudantes face ao empreendedorismo e à criação de empresas;
- Identificar e descrever os fatores determinantes da Intenção Empreendedora, Ensino do Empreendedorismo, Autoeficácia, Antecedentes familiares, Propensão para Assumir Riscos;
- Analisar a influência dos fatores determinantes na formação das intenções empreendedoras.

1.3. Questões de Investigação

Em consonância com o objetivo principal e com os objetivos específicos da investigação apresentados, surgem algumas questões.

A exposição do problema em estudo tem como ponto de partida as seguintes questões:

- Quais as intenções empreendedoras dos estudantes face ao empreendedorismo e criação de empresas?
- Qual a probabilidade empreendedora e a propensão empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro?
- Quais as variáveis que afetam, com maior ou menor significância, as intenções empreendedoras?
- Quais as variáveis que afetam, com maior ou menor significância, a probabilidade empreendedora e a propensão empreendedora?
- Qual a influência dos fatores determinantes na formação das intenções empreendedoras?

1.4. Estrutura da Dissertação

A dissertação está dividida em cinco capítulos principais, sendo o conteúdo destes sumariado com as descrições seguintes.

No Capítulo 1, Enquadramento do Tema, é feita uma breve introdução, indicando a justificação do tema, assim como os objetivos e as questões de investigação. Por fim, será também descrita a estrutura do trabalho e a sua divisão por capítulos.

No Capítulo 2, Revisão da Literatura, são apresentados os conceitos principais à compreensão desta investigação, é feita a revisão da literatura desses mesmos conceitos, (1) Intenção Empreendedora, (2), Ensino do Empreendedorismo, (3) Autoeficácia, (4) Antecedentes Familiares, e (5) Propensão para Assumir Riscos. Finalizando com o modelo de análise da investigação.

No Capítulo 3, Metodologias de Investigação, começa a segunda parte do trabalho com a realização da componente empírica. Aqui é abordado o desenho da investigação, uma explicação do método de recolha e dado e da amostra obtida. Posteriormente são apresentadas e caracterizadas as variáveis dependente e independentes, terminando com uma síntese dos aspetos metodológicos.

No Capítulo 4, Análise de Dados e Discussão de Resultados, é construída inicialmente uma caracterização da amostra obtida. Seguida da análise estatística dos dados e a sua consequente discussão, terminando com o teste de hipóteses.

No Capítulo 5, Conclusões, Limitações e Linhas para Futuras Investigações, são apresentadas as conclusões principais e as limitações encontradas na elaboração da investigação. Indicando depois futuras linhas de investigação tendo como base o presente trabalho.

É ainda apresentada a Bibliografia, onde estão identificadas todos os autores citados neste trabalho. Finaliza-se com os Anexos, contendo parte do questionário, com as perguntas necessárias para a realização da componente empírica.

2.Revisão da Literatura

2.1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo perceber de que forma é influenciada a intenção empreendedora, bem como duas dimensões que desta derivam - a probabilidade empreendedora e a propensão empreendedora, dos estudantes do ensino superior português da região centro, segundo vários fatores determinantes da mesma. Ou seja, este trabalho tem o propósito de identificar qual a intenção empreendedora, segundo o ensino do empreendedorismo, autoeficácia, antecedentes familiares e a propensão para assumir riscos, levando os estudantes do ensino superior Português da região centro a gerarem o seu próprio emprego, através da criação de algum projeto empresarial.

Existem diversas investigações, onde é concentrada a análise das intenções empreendedoras dos estudantes do ensino superior, em relação ao empreendedorismo e à criação de projetos empresariais (Henry, Hill e Leitch, 2005, Santos e Liñan, 2007, Liñan, Moriano, Jaén, 2016). Estes trabalhos fornecem conteúdos diferenciados, considerando estes fatores enquanto focos das intenções empreendedoras.

Porém, apesar da evolução do tema das atitudes empreendedoras dos estudantes a nível geral, no caso específico de Portugal existem escassos estudos sobre o tema, onde se consideram as variáveis em estudo nesta investigação. Assim, torna-se útil e interessante estudar este fenómeno.

Desta forma, neste capítulo, será feita uma abordagem teórica a todos os fatores determinantes da intenção empreendedora, abordados neste trabalho.

2.2. Intenção Empreendedora

As intenções empreendedoras são fundamentais para o processo empreendedor, formando a primeira de uma muitas ações para criação e fundação empresarial (Bird, 1988).

De acordo com Fishbein e Ajzen (1975) e Perugini e Bagozzi (2001), a intenção de realizar um determinado comportamento, é motivado principalmente pelo desejo de concretizar esse comportamento e para alcançar um objetivo específico.

Katz e Gartner (1988) definem a intenção empreendedora como uma procura de informações que podem ser usados para ajudar a cumprir um determinado objetivo para a criação de um processo empreendedor.

Bandura (1997) afirmou que a intenção é a determinação que se tem para uma certa atividade. A intenção é uma parte vital da auto regulação do indivíduo que é provocada pela motivação para agir.

Bird (1988) define a intenção empreendedora refere-se à orientação para iniciar um novo negócio. Todas as empresas criadas são precedidas por força de um agente, e esta, está direcionada para uma dada situação, com vista a alcançar uma meta. O mesmo autor afirma que a intenção empreendedora pode ser alterada consoante alguns fatores, os valores, hábitos, crenças, desejos e as necessidades.

Segundo Liñan (2004), a intenção torna-se no elemento essencial, e impulsionador do comportamento de um indivíduo, pois mostra o esforço que este vai fazer para realizar esse mesmo comportamento para iniciar o seu negócio. Ou seja, a intenção empreendedora determina o esforço que se está disposto a realizar para um determinado comportamento empreendedor (Liñan e Chen, 2009).

Para Krueger (2009), a intenção empreendedora refere-se à intenção de um certo indivíduo em criar um novo projeto empreendedor.

Relativamente à bibliografia existente que trata a intenção empreendedora dos indivíduos, é possível encontrar diversas investigações onde se identificam dois modelos teóricos relativos ao tema das intenções empreendedoras, sendo estes: (1) o Modelo conceptual de Shapero e Sokol (1982): Modelo da Intenção Empreendedora e o (2) Modelo conceptual de Ajzen (1991): Teoria do Comportamento Planeado.

Segundo Ajzen (1991), seja qual for o comportamento, este necessita sempre do devido planeamento antes de ser executado, ou seja, o processo de criação de um negócio pode ser determinado previamente através da intenção tomada pelo indivíduo. Assim, através desta teoria, é possível determinar se um indivíduo tem intenção de criar um novo projeto empresarial, avaliando a sua intenção empreendedora. Este modelo assenta em três variáveis que perfazem a elaboração da intenção e conseqüentemente influenciam o comportamento, são estas: (1) as atitudes, (2) as normas subjetivas e (3) o controlo comportamental percebido. Para o autor, estas três variáveis expõem o intuito de realização de um comportamento, quanto maior for a apreciação de um determinado indivíduo relativamente ao comportamento, maior será também, a intenção em concretizar o mesmo. Este modelo teórico contribuiu bastante para o estudo da intenção empreendedora, tornando-se amplamente utilizado em diversas investigações (Ajzen, 2012; Naia, 2013; Liñan e Fayolle, 2015).

Por outro lado, o modelo apresentado por Shapero e Sokol (1982) mostra que para mudar um certo comportamento, é necessário que exista uma determinada mudança externa. Este modelo assenta sobre três variáveis que determinam a intenção de um indivíduo, sendo estas, a desejabilidade, a viabilidade e propensão para agir. Para Shapero e Sokol, a intenção de criar um negócio está assente em duas etapas essenciais, a viabilidade e a desejabilidade.

Assim sendo, um indivíduo que considera que não existe viabilidade na criação de um negócio próprio, a desejabilidade vai descer, contudo, se este não se encontra motivado, se não o deseja criar, não vai conseguir obter a sua viabilidade (Shapero e Sokol,1982).

Existem mais modelos relativos a este tema, Kruger e Carsud (1993) apresentaram um modelo que tinha como base os dois modelos iniciais da intenção empreendedora de Shapero e Sokol (1982) e Ajzen (1991). Mais tarde, desenvolveram-se também, diversos modelos apresentados por diversos autores são o caso de Spencer e Spencer (1993), Davidsson (1995), Kristiansen e Indarti (2004).

Díaz, Hernández e Barata (2004) realizaram uma investigação, onde foi analisado o tema do empreendedorismo e a intenção dos mesmos em iniciar novos projetos empresariais. Foram inquiridos alunos da Universidade da Beira Interior (Portugal) e da Universidade da Extremadura (Espanha), concluindo com resultados de 62,1% e 74,1%, respetivamente.

No trabalho de Teixeira e Davey (2008) é possível verificar, das 33 instituições analisadas, quais as instituições que detêm os alunos com maior intenção empreendedora. Destacam-se no pódio a Escola Superior Artística do Porto com 63,9%, o Instituto Politécnico do Cávado e do Ave com 62,5% e o Instituto Politécnico de Castelo Branco com 61,9%. Em último lugar encontra-se a Universidade de Lisboa com 20,3%, sendo a média nacional 35%.

É igualmente demonstrado, na Figura 1, que é no ensino politécnico e em instituições de ensino privado que se apresentam maiores níveis de intenção empreendedora quando comparados com os valores das universidades e com o ensino público.

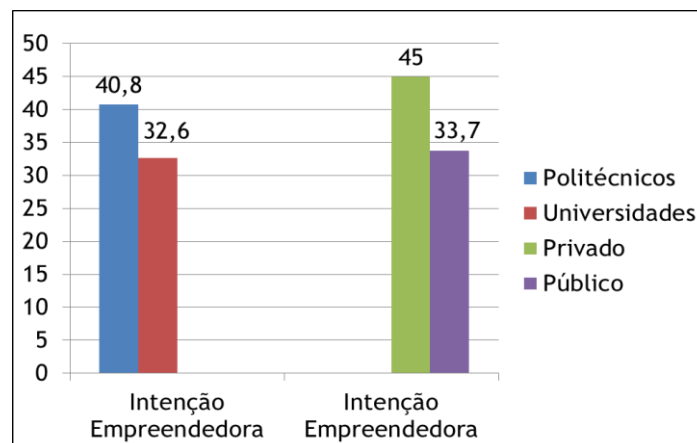


Figura 1 - Intenção Empreendedora por Instituições de Ensino.

Fonte: Adaptado de Teixeira e Davey (2008)

O estudo da intenção empreendedora tem sofrido uma evolução, o que torna o tema apetecível e interessante para a realização de mais investigações, demonstrando a sua evidência e importância no panorama do empreendedorismo.

Um exemplo dessa evolução é visível no trabalho de Arrighetti, Landini, Caricati e Monacelli (2015). Na sua investigação, os autores, criam duas dimensões que estão relacionados com a intenção empreendedora, que são, a “Propensão Empreendedora” e a “Probabilidade Empreendedora”. O trabalho consiste em avaliar o impacto, de uma recessão económica prolongada, na intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior italiano, fazendo uma distinção entre estas duas dimensões. Para isso, definem a Propensão Empreendedora como um indivíduo percebe que uma carreira possível é o auto emprego, ou seja, a criação de um negócio. A Probabilidade Empreendedora é definida como, a probabilidade em um indivíduo começar um novo projeto empresarial no futuro. Ao criarem estas duas dimensões, os autores, procuram capturar dimensões distintas da intenção empreendedora. No seu trabalho concluíram que a autoeficácia e a percepção do risco, predizem significativamente estas duas dimensões mencionadas. Concluíram também, que a universidade apresenta um papel importante, afirmando que quanto mais interessados estejam os alunos em criar um negócio, maior será a probabilidade empreendedora. No entanto, a falta de apoio institucional e familiar não afeta nenhuma destas dimensões. Tem como conclusão principal, que a crise económica não tem impacto sobre a propensão empreendedora, mas sim na probabilidade empreendedora, apresentando um impacto negativo e altamente significativo na probabilidade de um indivíduo criar um novo projeto empresarial.

2.3. Fatores Determinantes da Intenção Empreendedora

A partir da revisão da literatura efetuada ao tema, constata-se que a intenção empreendedora é influenciada por um vasto número de fatores. Os fatores explicativos da intenção empreendedora não se esgotam nos aqui referidos, sendo possível identificar outros fatores para além dos explorados nesta investigação.

Contudo, nesta investigação prevê-se o estudo dos seguintes fatores determinantes da intenção empreendedora: Ensino do Empreendedorismo, Autoeficácia, Antecedentes Familiares, Propensão para assumir riscos. Sendo estes analisados de seguida.

2.3.1. Ensino do Empreendedorismo

De acordo com Schumpeter (1984) o empreendedorismo é um agente causador de inovação e transformação capaz de originar o crescimento económico. Fortalecendo e motivando os indivíduos, a utilizar a sua intenção empreendedora para a criação e liderança do seu próprio negócio.

Empreendedorismo é definido como o processo que ocorre ao longo do tempo (Kyro e Carrier, 2005). Se o empreendedorismo é visto como um processo, então a intenção torna-se um precursor natural à atividade empresarial (Lee e Wong, 2004).

De acordo com o relatório GEM Portugal (2013), 48,7% dos portugueses dizem ter conhecimento, experiência e as capacidades necessárias para a criação de um novo negócio. Contudo, apenas 20,2% consideram que existem condições favoráveis para o início de um projeto empresarial, na sua área de residência, nos seis meses após a conclusão do inquérito.

O empreendedorismo é o fator importante para a expansão económica em todo o mundo. Além disso as universidades têm um papel fundamental no apoio à investigação, como também, ao ensino do empreendedorismo para os seus estudantes. O ensino do empreendedorismo prepara os estudantes para o mundo dos negócios, transmitindo os conhecimentos teóricos nas universidades, em informação útil na criação de um processo empreendedor (Haase e Lautenschlager, 2011; Elaine e Gray, 2013).

Para Krueger (2009) o empreendedorismo é intencional e vem através de uma escolha e não por acidente. O ambiente oferece a escolha para a criação de uma atividade empresarial, que também foi comprovada no trabalho de Obschonk e Schmitt-Rodermund (2010).

As instituições de ensino desempenham um papel importante no desenvolvimento deste tipo competências empreendedoras iniciais, que mais tarde, se manifestam sob a forma de alguma atividade empreendedora. Investigações indicam que as instituições de ensino, devem trazer empresários às suas instituições de forma a partilhar as suas experiências, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de espírito empreendedor dos estudantes, através de programas inovadores e cultura de pesquisa orientada (Krueger, Reilly e Carsrud, 2000; Lüthje e Franke, 2003; Honig, 2004; Carrier, 2005; Kuratko, 2005; Naia, 2009; Liñan e Chen, 2009).

Cheung (2008), afirma que o *networking* representa num importante fator para o ensino do empreendedorismo. Através dele é possível desenvolver de uma forma muito mais eficaz, e objetiva, o ensino do empreendedorismo com a troca de experiências, trazendo para o seu ensinamento mentores e oradores. Pois, estes podem contribuir com as suas experiências.

Wang e Chugh (2014) demonstram que o método experiencial é o mecanismo de aprendizagem mais utilizado de forma a ter uma percepção do mundo empresarial. Isto é porque a experiência é vista como a mais significativa fonte de aprendizagem para o empresário. Quando usado por estudiosos num sentido mais amplo, a aprendizagem experiencial significa que é realizado um ensino com base nas experiências positivas ou negativas, com o passado das experiências dos empresários.

A forma como é feito o ensino do empreendedorismo nas entidades educativas pode ser ensinado de maneira diferente entre elas, no entanto, o ponto fundamental é que esse ensino seja realizado. De acordo com Cheung (2008), na sua investigação demonstra que as entidades educativas têm tendência a abraçar uma aprendizagem mais geral do ensino do empreendedorismo, significando com isso, que em vez de se utilizar apenas uma aprendizagem específica, são adotadas diversas estratégias de ensino levando a alcançar diversos alvos.

O ensino do empreendedorismo pode ser visto num contexto mais amplo do que, preparar um indivíduo para a criação de um negócio, poderá ser também, o poder de fomentar o lado empreendedor de trabalhadores por conta própria e empresários de empresas, fornecendo uma mais valia para as suas empresas através do enriquecimento adquirido. Tornando-se num indivíduo que apresentará comportamento empreendedor (Gibb, 2002).

No ensino do empreendedorismo, relativamente à aprendizagem, os estudantes não necessitam de deter uma formação com bases nas áreas de gestão, podendo dizer-se que o ensino do mesmo é efetuado de uma forma interdisciplinar, de forma a ser possível a pessoas das mais diversas áreas de formação a sua aprendizagem. Exemplo disto é o Mestrado em Empreendedorismo e Criação de Empresas, na Universidade da Beira Interior, onde é possível observar esta diferença de formações nos seus alunos.

Para Cheung (2008), os conteúdos programáticos do empreendedorismo atuais, são na sua maioria de formação interdisciplinar. Não só no que envolve à transmissão de conhecimentos, como também na forma como é feita a envolvência dos estudantes no processo de desenvolvimento de vários atributos próprios.

De acordo com Rodrigues, Raposo, Ferreira e Paço (2010), as universidades portuguesas deveriam integrar o tema do empreendedorismo nos planos curriculares e estimular a participação de seus alunos em cursos, ou cadeiras, de empreendedorismo. Com especial atenção para as áreas de engenharia e científicas, com o intuito de criar uma cultura empresarial a fim de a criação de *spin-offs*.

Segundo Moreira e Silva (2008), concluem que cursos direcionados para o empreendedorismo afetam as atitudes e as intenções dos estudantes, afirmando que é possível formar empreendedores, retirando força à ideia de que um empreendedor é definido *à priori*.

Em Portugal, o ensino do empreendedorismo é uma área relativamente recente. O primeiro curso realizado, sobre este tema, remonta a 1992 e desde essa altura a oferta de conteúdos e opções de formação acerca do empreendedorismo aumentou exponencialmente (Redford, 2006).

Ainda segundo Redford (2006), têm sido realizados múltiplos trabalhos com o propósito de manifestar o apoio ao ensino do empreendedorismo no ensino superior Português. Indicando que através da introdução de cursos acerca desta temática levaria os estudantes a fortalecer e a desenvolver competências empreendedoras.

Rodrigues, et al. (2010) identificam um problema em Portugal, como também em alguns países, que incide na forma como se promove a criação de *start-ups* e tornar a carreira empresarial mais atraente para os jovens empreendedores. O ensino do empreendedorismo surge como um elemento chave no uso das competências dos recursos humanos altamente qualificados para a criação de novos negócios. Ainda segundo os autores, a influência que a formação académica tem na aquisição de competências, existe uma necessidade de desenvolver conteúdos na área do empreendedorismo, de forma a melhor e incentivar o processos de evolução de possíveis empresários.

Em Portugal, existem diversos trabalhos onde foi avaliada a intenção empreendedora de alunos do ensino superior Português, como se pode ver na Tabela 1.

Tabela 1 - Estudos em Portugal relativos à Intenção Empreendedora dos Alunos.

Autores	Amostra	Intenção Empreendedora
Teixeira e Davey (2008)	4413	35%
Redford (2008)	802	16,1%
Moreira (2011)	464	12%
Pinho e Gaspar (2012)	264	74%

Fonte: Elaboração própria

Teixeira e Davey (2008), no seu trabalho como uma amostra de 4413 pessoas, demonstram que a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior é de 35%. Os estudantes inquiridos dizem que o empreendedorismo poderia ser difundido, caso colocassem os estudantes com carácter empreendedor em contacto, para que seja feita uma partilha de ideias, como também, ter contacto com matérias de criação de negócios. As áreas onde é

demonstrada uma taxa mais elevada de intenção empreendedora são nos cursos de ciências sociais, gestão e economia, e o oposto ocorre nas áreas da saúde.

Redford (2008) na sua tese de doutoramento fez um estudo que englobou 802 pessoas onde obteve uma percentagem de 16,1% dos estudantes, após a conclusão do curso, têm intenção de gerar o seu próprio emprego através da criação de um negócio próprio.

No trabalho de Moreira (2011), inquiriu licenciados das ciências sociais que concluíram o curso há 5 anos, os resultados mostram que 12% são empreendedores e são motivados por dificuldades de entrada no mercado de trabalho, a escassez de empresas na área e liberdade económica. Os inquiridos que se tornaram empresários são, na sua maioria do sexo masculino com mais de 25 anos, são licenciados em Gestão e Comunicação Social.

Na investigação de Pinho e Gaspar (2012) concluíram que, 74% dos estudantes afirmam que gostaria de iniciar o seu próprio negócio. Os autores indicam que este valor pode ser explicado por vários fatores determinantes para a obtenção deste resultado, entre os quais, o tecido socioeconómico em que se encontra o instituto de ensino, o facto de mais de 50% dos estudantes deterem empresários na família e o clima propenso ao empreendedorismo concebido em cada instituição académica.

As investigações acerca do ensino do empreendedorismo, nem sempre atribuem a aprendizagem do empreendedorismo como um fator determinante da intenção empreendedora, um exemplo disso é o trabalho de Fayolle, Gailly e Lassas-Clerc (2006). Os autores, na sua investigação, concluíram que não existe um impacto significativo na intenção empreendedora dos estudantes após finalizarem o mesmo, em relação aos que frequentaram um curso onde é abordado o ensino do empreendedorismo.

Desta forma, torna-se importante perceber de que forma o ensino do empreendedorismo irá condicionar a intenção empreendedora dos inquiridos neste estudo. A partir da revisão de literatura exposta referente ao ensino do empreendedorismo, é enunciada a primeira hipótese deste estudo:

H1: O ensino do empreendedorismo influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior Português da região centro.

2.3.2. Autoeficácia

Existem diversas correntes de investigação para examinar os fatores que impulsionam intenções empreendedoras, uma dessas correntes de investigação centra-se na autoeficácia.

A teoria da autoeficácia foi apresentada por Bandura (1977). Para o autor a autoeficácia representa a crença, que um indivíduo, tem nas suas capacidades para desenvolver uma determinada ação. É um fator da personalidade que influencia a motivação do indivíduo para executar com sucesso as ações (Bandura, 1982).

Bandura desenvolveu a teoria social cognitiva em 1986, dando um contributo na percepção da autoeficácia, relacionando a mesma com as intenções comportamentais (Bandura, 1989).

Para Bandura (1991), a autoeficácia ocupa um papel central na teoria social cognitiva, pois afeta a ação não só diretamente mas, também, através do seu impacto sobre outras determinantes. A capacidade de exercer desafios a si próprio através de estabelecimento de metas pessoais, assim como, ter uma capacidade de autoavaliação do seu próprio desempenho, fornece um importante mecanismo de motivação e direcionamento.

Para Bandura (2000) a autoeficácia refere-se às crenças que as pessoas têm nas suas próprias capacidades em executar uma determinada tarefa.

Para Baum e Locke (2004), a autoeficácia é um fator determinante para um empreendedor, pois este, ao ter confiança nas suas próprias capacidades para realizar com êxito várias ações e comportamentos, também será capaz de prever situações de insegurança.

Stajkovic e Luthans (1998) no seu trabalho, afirmam que autoeficácia está fortemente relacionada no desempenho de tarefas, e que a complexidade da mesma, tende a enfraquecer a relação entre a autoeficácia e desempenho.

Chen, Greene e Crick (1998) e De Noble, Jung, Ehrlich (1999) desenvolveram um constructo, ao qual deram o nome de autoeficácia empreendedora (*Entrepreneurial Self-Efficacy*), para prever a possibilidade de um indivíduo ser um empreendedor. Chen, Greene e Crick (1998) forneceram evidências empíricas de que a autoeficácia empreendedora foi positivamente relacionada às intenções dos inquiridos para iniciar seu próprio negócio. O seu modelo assenta em cinco fatores: marketing, inovação, gestão, controlo financeiro e propensão para assumir riscos.

De Noble, Jung, Ehrlich (1999) definem autoeficácia empreendedora como sendo a crença de uma pessoa nas suas próprias habilidades para executar uma nova oportunidade. Este modelo baseia-se em seis fatores, que são, o desenvolvimento de novas oportunidades de produtos e de mercado; a construção de um ambiente inovador; iniciar relações com investidores; definir

um objetivo central; lidar com os desafios inesperados; desenvolvimento de recursos humanos. Do mesmo concluíram que a autoeficácia condiciona positivamente a intenção empreendedora.

Uma das contribuições no estudo da autoeficácia empreendedora foi a análise que esta tem na formação da intenção empreendedora. Boyd e Vozikis (1994) afirmam que a autoeficácia é um fator mediador, tanto na determinação de intenções empreendedoras, como na probabilidade de estas intenções resultarem em ações empreendedoras. O mesmo foi comprovado na investigação de Lee, Wong, Der Foo e Leung (2011) onde demonstram que a autoeficácia pode influenciar as intenções empreendedoras.

Zhao, Seibert e Hills (2005), estudaram o papel mediador da autoeficácia no desenvolvimento das intenções empreendedoras dos estudantes em se tornar empreendedores. O objetivo do estudo era perceber de que forma a autoeficácia era influenciada segundo a experiência profissional anterior, a propensão para o risco, a percepção da aprendizagem e a intenção empreendedora. Os resultados demonstraram que a percepção à aprendizagem, a experiência profissional anterior e a Propensão para assumir riscos está significativamente relacionada com a autoeficácia, que por sua vez tem efeito na intenção empreendedora dos estudantes.

Shook e Bratianu (2008) concluíram, também, que a autoeficácia está associada positivamente à intenção empreendedora, em que os alunos estavam mais propensos a iniciar um negócio quando estes acreditavam que poderiam realizar as tarefas relacionadas com o empreendedorismo.

Setiawan (2014) desenvolveu um trabalho para perceber de que forma a autoeficácia empreendedora, de estudantes do ensino superior, seria afetada após frequentarem uma cadeira de empreendedorismo no seu curso. Os resultados demonstraram que a grande maioria, cerca de 60%, dos estudantes detinha o nível de autoeficácia empreendedora alto e direcionada para a criação de projetos empresariais.

É então possível prever, que quanto maior for o nível individual acerca da autoeficácia, mais elevada será possibilidade de um indivíduo deter uma intenção favorável relativamente à sua intenção de criar o seu próprio negócio.

Face a esta revisão de literatura, formula-se a segunda hipótese de investigação:

H2: A autoeficácia influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior Português da região centro.

2.3.3. Antecedentes Familiares

Existem diversos fatores que afetam a intenção empreendedora de um indivíduo, um desses fatores são os antecedentes familiares, a forma como influenciam este a criar um novo negócio. Diversas investigações tentam explicar o impacto das famílias sobre as intenções empreendedoras individuais, principalmente a partir do papel que os pais desempenham em moldar a intenção empreendedora dos filhos. Esta envolvente dos estudantes, em famílias empreendedoras, deve ser vista como um possível fator influenciador, tanto do perfil, como também da intenção empreendedora.

Shapero e Sokol (1982) indicam o núcleo familiar como um dos mais importantes fatores impulsionadores na criação de novos negócios, assim como, molda o comportamento empreendedor de um indivíduo.

Existe uma grande corrente empírica acerca do facto de empreendedores terem como base uma família onde existem alguns membros, especialmente os pais, criadores de o seu próprio negócio (Shapero e Sokol, 1982; Davidsson, 1995; Franco, Haase e Lautendchäger, 2010; Rodrigues et al., 2010).

Chua, Chrisman, Sharma (1999) afirmam que, quem cresce numa família onde os pais são gerentes e/ou proprietários de uma empresa, representa um contexto particular em que as intenções de criar um novo negócio são formadas. Neste ambiente está muito mais exposto aos desafios e oportunidades que advêm de uma carreira empreendedora. Para Bronfenbrenner (1986) estas experiências levam a que a família desempenhe um papel fundamental em moldar a personalidade, atitudes, crenças e intenções desses indivíduos.

Kolvreid (1996), considera o papel de uma família empreendedora como um fator positivo no estímulo empreendedor. Ou seja, os descendentes de famílias empreendedoras, devem estar mais motivados para começar a sua própria empresa, do que descendentes de famílias que não têm esse *background*.

Delmar e Davidsson (2000), afirmam que quem tem familiares que já realizaram um negócio, têm tendência em seguir os passos destes, criando o seu próprio emprego.

O Projeto GUESSS realizado por Sieger, Fueglistaller e Zellweger (2011), tem como foco a investigação sobre as atitudes empreendedoras, intenções e atividades de estudantes a nível global. Tornou-se possível criar uma amostra de estudantes, que foi considerada como aceitável para uma representação da população de estudantes a nível global, onde foram envolvidos 26 países, com mais de 94 000 questionários. Para os autores, o peso das empresas familiares a nível global é bastante significativo, tanto ao nível económico como também ao

nível social. Obtendo-se uma média de 30% dos estudantes, a nível global, de possuírem empresas na família, e com isso, existir a hipótese de seguir o negócio familiar. Relativamente os resultados apresentados para Portugal, este valor desce para os 29% dos estudantes deterem progenitores detentores de empresas. Sendo, a sua intenção empreendedora influenciada em, 14% pelo pai, 4% pela mãe e 11% por ambos. Segundo os dados relativos à sua intenção empreendedora, após a conclusão dos estudos, cerca de 8% dos estudantes portugueses têm intenção de ser tornar sucessores em empresas familiares. No entanto, 13% dos estudantes com *background* em empresas familiares têm a intenção de criar o seu próprio negócio após o término dos seus estudos. Relativamente às intenções futuras, 5 anos depois da conclusão dos estudos, 12% dos estudantes portugueses tendem a tornar-se em sucessores nos negócios familiares, enquanto 33% tenciona criar o seu negócio.

Bohnenberger, Schmidt e Freitas (2007) realizaram um estudo com o objetivo de perceber de que forma o contexto familiar contribui para o desenvolvimento do comportamento empreendedor dos estudantes do Centro Universitário de Feevale, Brasil. Concluíram com o mesmo, que esse comportamento deve-se iniciar na família. Realçando que as universidades e o governo podem reforçar esta relação que foi iniciada no meio familiar. Por outro lado, referem que terá pouco impacto em indivíduos que não foram influenciados no contexto familiar.

No entanto, alguns autores Krueger, Reilly e Carsrud (2000), não acreditam que os comportamentos e a opinião da família irão influenciar as intenções empreendedoras dos filhos. Isto porque, os filhos de empresários não se tornam, proporcionalmente, em empresários também.

No trabalho de Peng, Lu e Kang, (2012), onde foram analisadas os níveis de intenção empreendedora e de alguns fatores influenciadores, como os antecedentes familiares. Foram inquiridos 2010 estudantes de nove universidades em Xi'an, China. Destaca-se o resultado, relativo aos antecedentes familiares, onde concluíram que os antecedentes familiares não têm um impacto significativo na intenção empreendedora dos estudantes.

Considerando os trabalhos acima referidos, é possível afirmar que os antecedentes familiares podem influenciar a intenção de alguém iniciar um novo negócio, desta forma, formula-se a seguinte hipótese de investigação:

H3: Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior Português da região centro.

2.3.4. Propensão para Assumir Riscos

Apesar da variação das definições de empreendedorismo um tema comum encontrado na literatura, referente ao tema, gira em torno das diferenças na predisposição entre empreendedores/empresários, em relação à propensão para assumir riscos. Tal como é citado por Gürol e Atsan (2006:30) “O empreendedorismo é historicamente associado com a assunção de riscos”.

A propensão para assumir riscos é uma parte fundamental do empreendedorismo, pois um indivíduo não tem, com antecedência, a certeza se os produtos desejados podem ser produzidos, se as necessidades dos consumidores podem ser atendidas, ou se os lucros podem ser gerados antes de um novo produto ou serviço seja introduzido, existe sempre um risco.

Algumas investigações mostram que os indivíduos empreendedores têm uma maior propensão para assumir riscos do que aqueles que não exploram qualquer projeto empresarial (Sagie e Elizur, 1999; Stewart e Roth, 2001; Van Praag e Cramer, 2001; Teixeira, 2008).

É feita referência em diversos trabalhos, que a propensão para assumir riscos, é um fator que distingue os gestores dos empreendedores, visto tratar-se de uma característica fundamental da atividade empreendedora (Raposo, Paço e Ferreira, 2008; Brandstätter, 2010).

A propensão para assumir riscos é diferenciada da percepção de risco, de forma que a percepção de risco é definida como um fator avaliador de decisões de risco inerente a uma situação particular (Sitkin e Pablo, 1992).

No seu trabalho, Busenitz (1999) afirma que não existe uma grande diferença na propensão para assumir riscos entre os empreendedores e os indivíduos que não têm essa veia empreendedora, mas sim, na sua percepção de risco. Os empreendedores podem tomar caminhos mais arriscados nos seus negócios, pois estes percebem menos riscos comparativamente aos outros.

De acordo com Sitkin e Weingart (1995), a propensão para assumir riscos consiste na tendência que um indivíduo tem em tomar ou evitar riscos. Para os autores, os indivíduos com alta propensão para assumir riscos tendem a lidar de uma forma mais confortável com situações de risco, e conseguem manobrar esta situação melhor do que os outros com baixa propensão para assumir riscos.

Para Lumpkin e Dess (1996), a propensão para assumir riscos pode ser compreendida como a importância que um empreendedor está disposto a dar e a comprometer meios, por norma um empreendedor tem poucos meios para comprometer, o que leva a uma maior propensão para assumir riscos.

Segundo Gürol e Atsan (2006), a propensão para assumir riscos refere-se à propensão de um indivíduo em expor a assunção de riscos ou a evitar riscos quando confrontados com situações de risco.

De acordo com Baum e Locke (2004), empresários com menor propensão para assumir riscos tendem a ter um nível mais elevado de desempenho em atividades empreendedoras, isto porque, estes têm tendência a seguir abordagens menos arriscadas para gerir os seus negócios em termos de aquisição de recursos, estratégia e organização. Ou seja, o aumento dos riscos pode levar ao desastre quando estes são precipitados.

Na investigação de Fitzsimmons e Douglas (2005), foi abordado o estudo das atitudes empreendedoras e intenções empreendedoras entre os estudantes de mestrado de gestão de empresas na Índia, China, Tailândia e Austrália. Concluíram que o risco influencia significativamente a carreira de todos os estudantes inquiridos, sendo os australianos e chineses os que apresentam maior aversão ao risco. Fazendo uma comparação entre países, os indianos apresentam níveis de aversão ao risco mais baixos que os tailandeses. Com estes resultados, afirmam que as atitudes empreendedoras e o risco são influenciadores, e podem, explicar as intenções empreendedoras de um indivíduo.

O trabalho de Gürol e Atsan (2006) analisou o perfil empreendedor e pretendeu avaliar a intenção empreendedora dos 400 estudantes, de duas universidades na Turquia comparando-os com alunos “não empreendedores”. Foram analisadas segundo várias características, entre as quais a propensão para assumir riscos. Com os resultados concluíram que os estudantes com intenção empreendedora, apresentam valores mais elevados para a assunção de riscos, do que os estudantes com um perfil “não empreendedor”.

A investigação de Silva, Gomes e Correia (2009), teve como objetivo identificar as características de empreendedores em Portugal e no Brasil. Os resultados mostraram que a orientação empreendedora é mais elevada no Brasil do que em Portugal, salientando que o nível de propensão à assunção de riscos ser menor nos empreendedores portugueses. Os autores relacionam a propensão para assumir riscos, ao quanto um indivíduo está disposto a aceitar o risco em troca de um retorno.

Para Gurel, Altinay e Daniele (2010), segundo o seu trabalho onde foram investigados a relação entre as características empreendedoras, sócio culturais e a intenção empreendedora de estudantes universitários no Reino Unido e Turquia. Fora inquiridos 409 estudantes universitários de turismo, onde se analisaram a propensão para assumir riscos, entre outras. Com os resultados concluíram que existe uma relação positiva entre a intenção empreendedora e a propensão para assumir riscos. Esta relação positiva, estatisticamente significativa com intenção empreendedora, é sentida tanto pelos estudantes na Turquia, como também, no Reino Unido. A investigação demonstrou que, independentemente do país

de origem, os estudantes de turismo possuem duas características fundamentais do empreendedorismo: a inovação e a propensão para assumir riscos.

O trabalho de Tyszka, Cieslik, Domurat e Macko (2011) teve como objetivo analisar a propensão para assumir riscos, entre outros fatores, em 117 indivíduos empreendedores e em 120 indivíduos “não empreendedores”, com diversos níveis de educação e todos eles da região oriental da Polónia. Concluíram que não encontram grande diferença, relativamente à propensão para assumir riscos, entre o grupo dos empreendedores e o grupo dos “não empreendedores”, no entanto, os autores interpretam os resultados como a percepção que os empreendedores têm do risco. Para indivíduos “não empreendedores”, sem quaisquer conhecimentos na criação de negócio, o investimento num novo projeto empresarial pode ter um risco elevado. O que no caso de um empreendedor, que tem outra visão acerca da criação de projetos empresariais, o risco nesse caso pode ser percebido como muito baixo.

No contexto Português, e segundo os dados do GEM Portugal (2013), os portugueses continuam a apresentar altos níveis de aversão ao risco ou o receio de insucesso na criação de um novo negócio. Estes fatores de risco constituem um fator de inibição na criação de projetos empresariais nas populações adultas (18 - 64 anos). Nos valores de 2013, cerca de 48,2% dos portugueses, que tinham intenção de iniciar um novo negócio na sua área de residência, declararam que o receio de insucesso constituía um fator desmoralizador para a concretização dessa iniciativa empresarial. Valor este mais elevado, em relação à média da globalidade das economias orientadas para a inovação, onde o valor é de 43,2%. Analisando os dados entre 2007 e 2012, é possível concluir que se regista um agravamento na aceitação do risco pelos portugueses. Justificando estes valores com o agravamento da conjuntura económica do país neste período, podendo retrair o início de novos projetos empresariais, como também, desencadear situações menos favoráveis ao empreendedorismo. “(...), o medo de falhar e o estigma que está associado ao fracasso são comumente apontados como obstáculos comportamentais à atividade empreendedora” (GEM Portugal 2013:17).

Com o propósito de conhecer como a propensão para assumir riscos afeta a intenção empreendedora dos inquiridos nesta investigação, formulam-se a seguinte hipótese:

H4: A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior Português da região centro.

2.4. Modelo de Análise

Após a realização da revisão da literatura, é possível construir o modelo conceptual da investigação, o mesmo é apresentado na Figura 2. Apresentando, de que forma cada fator determinante influencia a intenção empreendedora.

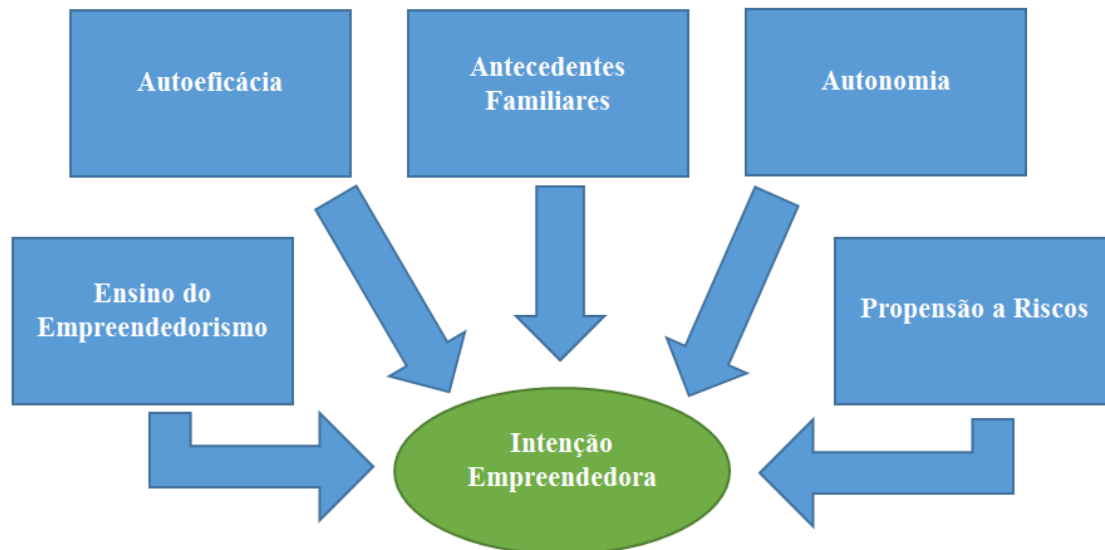


Figura 2 - Modelo de Análise da Investigação.

Fonte: Elaboração Própria

Espera-se que o modelo permita dar a conhecer a relação entre as várias variáveis e a intenção empreendedora e proporcionar informação que seja útil para estabelecer medidas que estimulem e promovam o espírito empreendedor.

3. Metodologias de Investigação

Após a abordagem teórica do tema, pretende-se obter conclusões através da aplicação prática, e testar as hipóteses formuladas, de modo a comprovar ou não o que é sugerido analisar. Para testar empiricamente as hipóteses, foram utilizados dados recolhidos de forma primária, através de um questionário.

3.1. Desenho de Investigação

O trabalho empírico, de uma investigação, inicia-se com o desenho de investigação a desenvolver, isto é, a decisão relativamente à natureza do trabalho a implementar.

Segundo Gil (2007) pode-se optar por um trabalho de carácter:

- Exploratório - O problema a investigar está pouco estudado, do qual existem algumas dúvidas ou está mal entendido;
- Descritivo - O problema já está bem estruturado e é bem compreendido;
- Causal - O problema está bem estruturado, mas ainda existem soluções de causa/efeito.

Neste seguimento, aquando da revisão da literatura, na qual se focaram os principais pontos a desenvolver na investigação, as quais incidem em alguns dos fatores determinantes que condicionam as intenções empreendedoras dos estudantes do ensino superior português da região centro, verificou-se que o fenómeno se encontra pouco estudado e compreendido, principalmente, no âmbito nacional, como também à população a quem foi aplicado o questionário, razão pela qual se conclui que a investigação é exploratória.

3.2. Recolha de dados e Amostra

A presente investigação, assenta sobre uma amostra de estudantes do ensino superior Português da região centro que frequentaram o Curso de Empreendedorismo de Base Tecnológica (CEBT), alunos das universidades de Aveiro, Coimbra e da Beira Interior. O questionário foi dirigido a todos os participantes do CEBT das instituições de ensino superior português, entre 2010 a 2015.

Os dados que apoiam esta investigação, foram recolhidos de forma primária através da aplicação de um questionário. Este foi elaborado tendo como base algumas das perguntas

utilizadas pelo questionário do projeto EEP - *Entrepreneurship Education Project*, na versão portuguesa.

O projeto EEP foi projetado para ser um projeto global com objetivos claros em entender o impacto que a educação empreendedora teria nos alunos do ensino superior, através do conhecimento dos processos motivacionais subjacentes de quem quer seguir carreira empreendedora e, posteriormente, a transformação do estudante num indivíduo empreendedor (Vanevenhoven e Liguori, 2013). O questionário do projeto EEP foi aplicado em Portugal, no ano letivo de 2010/2011, nas instituições de ensino superior portuguesas que colaboraram com o projeto.

O CEBT² é um projeto ibérico que integra o INESPO, aprovado no âmbito do Programa Operacional de Cooperação Transfronteiriça Portugal - Espanha. O INESPO é liderado pela Universidade da Beira Interior, tendo os seguintes parceiros: CEC/CCIC - Conselho Empresarial do Centro/Câmara de Comércio e Indústria do Centro; Fundación General de la Universidad de León y la Empresa; Fundación General de la Universidad de Salamanca; Fundación General de la Universidad de Valladolid; Universidad Pontificia de Salamanca; Universidade de Aveiro e Universidade de Coimbra. Tem como objetivo incrementar a cooperação institucional, social e empresarial transfronteiriça entre agentes de Sistema Científico e Tecnológico das Regiões Centro de Portugal e Castela-Leão, bem como entre estes e as empresas. Pretende criar uma metodologia de aconselhamento e consultoria, dando aos participantes a possibilidade de explorar ideias e projetos com origem nas universidades parceiras, avaliando o potencial comercial e a sua materialização, disponibilizando apoio à criação de empresas de base tecnológica.

O CEBT tem a duração de aproximadamente 18 semanas, divididas em sessões de sensibilização, *workshops* e *mentoring*. Neste período, existem 3 sessões de apresentações conjuntas e respectivas avaliações dos projetos.

Para esta investigação, os dados foram obtidos recorrendo a um questionário fechado dirigido a todos os participantes do CEBT, das edições entre 2010 e 2015, e apenas das instituições de ensino superior portuguêsas, ou seja, a Universidade de Aveiro, a Universidade de Coimbra e a Universidade da Beira Interior. Os dados utilizados nesta investigação foram recolhidos através da plataforma *online GoogleForms*, a recolha foi realizada através de um questionário entre 01/02/2016 a 29/02/2016. Conseguindo 132 respostas, das quais todas serão consideradas para o trabalho.

Sendo o CEBT um projeto de empreendedorismo e criação de empresas, torna-se relevante perceber como este influenciou a intenção empreendedora dos seus participantes, e com isso,

² Informações relativas ao CEBT: <http://www.cebt.ubi.pt/> - Acedido a: 16/02/2016

obter a caracterização da intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.

3.3. Variáveis consideradas

De seguida serão apresentadas todas as variáveis analisadas neste trabalho, nomeadamente: variáveis dependentes e variáveis independentes. Sendo estas, Intenção Empreendedora, Probabilidade Empreendedora, Propensão Empreendedora, Ensino do Empreendedorismo, Autoeficácia, Antecedentes Familiares e Propensão para Assumir Riscos.

3.3.1. Variáveis Dependentes

Na presente investigação, foram utilizadas como variáveis dependentes a intenção empreendedora, a probabilidade empreendedora e a propensão empreendedora. No desenvolvimento da investigação revelou-se oportuno a utilização de duas dimensões da intenção empreendedora, nomeadamente: Probabilidade Empreendedora e a Propensão Empreendedora de um indivíduo. Estas variáveis foram consideradas numa investigação recente de Arrighetti, et al., (2015).

Conforme é dito por Marconi e Lakatos (2003:189), a variável dependente, “consiste naqueles valores (fenómenos, fatores) a serem explicados ou descobertos, em virtude de serem influenciados, determinados ou afetados pela variável independente; é o fator que aparece, desaparece ou varia à medida que o investigador introduz, tira ou modifica a variável independente; a propriedade ou fator que é efeito resultado, consequência ou resposta a algo que foi manipulado (variável independente) ”.

De acordo com Pinho e Gaspar (2012:3), “ao longo dos anos, o tema da intenção empreendedora tem sido estudado através de diferentes métodos. Alguns autores iniciaram a sua investigação, procurando certos traços de personalidade e daí retirar conclusões relativamente à sua associação à atividade empresarial (McClelland, 1961)”.

De acordo com Bird (1988), a intenção pode ser vista como um estado de espírito em que a atenção da pessoa está dirigida para uma determinada situação, com vista a alcançar uma meta.

É possível considerar, e de acordo com Carvalho e González (2006:45), “que a concretização da ideia de criar uma nova empresa é precedida pela intenção, a qual por sua vez pode ser planeada durante algum tempo, porém, em alguns casos a intenção é formada no momento antes de se concretizar a ideia, e noutros casos, a intenção nunca coincide com a realização do comportamento”.

Para Davidsson (1995) a análise da intenção empreendedora poderá, de forma imperfeita, prever um determinado comportamento de um indivíduo em relação à sua vontade em iniciar um novo projeto empresarial.

Segundo Krueger, Reilly e Carsrud (2000), na sua investigação indicam que a decisão de se tornar num indivíduo empreendedor pode ser considerada como consciente e voluntária.

Para Fayolle e Gailly (2004), a intenção empreendedora seria um elemento prévio e determinante do comportamento empreendedor.

Esta investigação centra-se em perceber como a intenção empreendedora dos alunos do ensino superior português da região centro é modificada perante alguns fatores. Daí a necessidade de se perceber desde o início, quem tem intenções de criar um projeto empresarial.

Esta variável, “Intenção Empreendedora”, foi testada, utilizando a pergunta número 4 do questionário (ANEXO 1), constituída por um conjunto de itens medidos numa escala de concordância de 5 pontos (1 = Discorda muito; 5 = Concorda muito).

Tal como referido na revisão da literatura, na sua investigação Arrighetti, et al., (2015), introduziram duas dimensões novas dimensões que derivam da intenção empreendedora que foram consideradas neste trabalho também, sendo estas a “Probabilidade Empreendedora” e a “Propensão Empreendedora”.

A variável “Probabilidade Empreendedora”, foi testada, utilizando os itens “Está a poupar dinheiro para começar um novo projeto empresarial.”, “Não tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial” e “Tem intenção de criar um novo projeto empresarial no futuro.”, extraídos da pergunta número 4 do questionário (ANEXO 1), constituída por um conjunto de itens medidos numa escala de concordância de 5 pontos (1 = Discorda muito; 5 = Concorda muito).

A variável “Propensão Empreendedora”, foi testada, utilizando os itens “Nunca procura oportunidades para criar um novo negócio.”, “Despende tempo a aprender sobre como criar um novo projeto empresarial”, “Não tem imaginação para novos produtos.”, “Gostaria de gerir uma empresa.” e “Gostaria de criar algo novo.”, extraídos da pergunta número 4 do questionário (ANEXO 1), constituída por um conjunto de itens medidos numa escala de concordância de 5 pontos (1 = Discorda muito; 5 = Concorda muito).

3.3.2. Variáveis Independentes

De acordo com Marconi e Lakatos (2003:189), a variável independente é definida como “aquela que influencia, determina ou afeta outra variável; é o fator determinante, condição ou causa para determinado resultado, efeito ou consequência; é o fator utilizado (geralmente) pelo investigador, na sua tentativa de assegurar a relação do fator com um fenómeno observado ou a ser descoberto, para ver que influência exerce sobre um possível resultado”.

Nesta investigação tem-se como objetivo perceber como a intenção empreendedora, dos estudantes do ensino superior português da região centro, é afectada por certos fatores determinantes. Para isso, torna-se relevante analisar esses mesmos fatores, que poderão influenciar a intenção de criar um novo negócio. Para que haja um entendimento mais claro, relativamente à busca desse objetivo, serão apresentadas de seguida as variáveis independentes consideradas e analisadas nesta investigação. Essas variáveis são: (1) Ensino do Empreendedorismo, (2) Autoeficácia, (3) Antecedentes Familiares e (4) Propensão para assumir riscos.

Começando com a variável “Ensino do Empreendedorismo”, esta vai permitir analisar os estudantes do ensino superior português da região centro que frequentam ou frequentaram, cadeiras onde fosse abordado o tema do empreendedorismo. E também, perceber se essas mesmas cadeiras são de escolha opcional ou não. Relacionando, posteriormente, com a intenção empreendedora dos mesmos.

Investigações têm observado que um curso de empreendedorismo tem um impacto positivo na visão dos alunos de empreendedorismo. De acordo com Santos, Caetano e Curral (2010:3), “torna-se cada vez mais saliente o papel das universidades na promoção do espírito empreendedor, seja através do corpo docente e investigadores, seja através dos estudantes.” Para Shinnar, Pruett e Toney, (2009), a introdução do estudo do empreendedorismo nas cadeiras das instituições académicas, colabora na incrementação da intenção dos estudantes em iniciar novos projetos empresariais. Segundo Cheung (2008), o ensino do empreendedorismo torna-se relevante diferentes aspetos. Este pode facultar aos estudantes uma percepção dos negócios, a sua estrutura, os seus propósitos, a sua relação com a economia e com a sociedade.

Esta variável, “Ensino do Empreendedorismo”, foi testada, utilizando a pergunta número 2 do questionário (ANEXO 2), aplicando questões de resposta fechada através das opções “Sim” ou “Não”.

Seguidamente, a variável “Autoeficácia”, permite perceber e analisar se os estudantes do ensino superior português da região centro que detêm características de autoeficácia, possuem também, uma intenção positiva em criar algum projeto empresarial, isto é, apresentarem maior intenção empreendedora.

Em diversos trabalhos, a autoeficácia, tem sido reconhecida como um preditor relevante, no que toca a identificar o sucesso das iniciativas empreendedoras (Bandura, 1982; McGee, Peterson, Mueller e Sequeira, 2009). De acordo com Santos, Caetano e Curral (2010), a autoeficácia pode ser definida como uma crença pessoal na capacidade do próprio em alcançar, com sucesso, um determinado objetivo. Salientam também, que a autoeficácia nos empreendedores se torna essencial, uma vez que estes devem ter confiança nas suas competências para desempenhar tarefas distintas, bem como, ter a capacidade de antecipar determinadas situações.

No seu trabalho, McGee et al. (2009), concluem que os empreendedores emergentes apresentam elevados níveis de autoeficácia. É possível supor que quanto maior for a autoeficácia empreendedora, maior será a probabilidade de um indivíduo deter uma intenção positiva, em relação à vontade de criar o seu próprio negócio (Carvalho e Ganzález, 2006).

Esta variável, “Autoeficácia”, foi testada, utilizando a pergunta número 3 do questionário (ANEXO 3), constituída por um conjunto de itens medidos numa escala de concordância de 5 pontos (1 = Discorda muito; 5 = Concorda muito).

Apresenta-se agora a variável “Antecedentes Familiares”, onde permite analisar se os antecedentes dos estudantes do ensino superior português da região centro, no ambiente familiar, influenciam as suas intenções empreendedoras. Isto é, perceber de que forma é influenciada a intenção empreendedora dos inquiridos, de quem apresenta um *background* familiar empreendedor, quer sejam os seus avós, pais/tutores e irmãos. Para Shapero e Sokol (1982), os antecedentes familiares podem ter peso na formação da intenção de criar um projeto empresarial, assim como do perfil do indivíduo. Para os mesmos autores, um aspetos relevante para despertar o comportamento empreendedor e iniciar uma atividade empresarial, está relacionada com núcleo familiar, pois a experiência da família pode ser vista como uma referência ou modelo a seguir. De acordo com o trabalho de Matthews e Moser (1996), mostram que a presença de um *background* familiar, onde familiares tenham cargos empresariais, tem uma função impulsionadora na intenção do indivíduo em criar ao novo, dando mais robustez o papel dos antecedentes familiares.

Para avaliar esta variável, “Antecedentes Familiares”, esta foi dividida em quatro variáveis distintas, “Pais, irmãos ou avós criaram projeto empresarial no último ano.”, “Pais/tutores criaram um projeto empresarial.”, “Irmãos criaram um projeto empresarial.” e “Avós criaram

um projeto empresarial.”. Foram testadas, utilizando a pergunta número 5 do questionário (ANEXO 4).

Por último, apresenta-se a variável “Propensão para assumir riscos”, pretende analisar de que forma os estudantes do ensino superior português da região centro enfrentam os riscos relativamente ao meio empresarial, assim como, na escolha de um novo emprego. Percebendo, se estes estão dispostos a correr riscos ou não, e de que forma isso influencia a intenção empreendedora.

Brockhaus (1980) define a propensão para assumir riscos como a percepção da probabilidade de receber algo em troca com a sua ação empreendedora, ou seja, ter algum benefício caso haja sucesso nessa mesma ação.

Na literatura referente ao tema, existem diversos autores que consideram os empreendedores como indivíduos que correm riscos e que esperam obter lucros, como recompensa do risco assumido (Cunningham e Lischeron, 1991; Carland, Carland e Stewart, 1996; Cromie, 2000; Stewart e Roth, 2001). De acordo com Lüthje e Franke, 2003, os estudantes que demonstrem propensão para assumir riscos e que têm um controlo sobre os acontecimentos na sua vida, detêm uma intenção mais favorável para iniciar um novo projeto empresarial.

Esta variável, “Propensão para assumir riscos”, foi testada, utilizando a pergunta número 8 do questionário (ANEXO 5), constituída por um conjunto de itens medidos numa escala de concordância de 5 pontos (1 = Discorda muito; 5 = Concorda muito).

É apresentado na seguinte tabela, Tabela 2, um esquema explicativo onde é possível perceber de forma direta as variáveis utilizadas para testar cada uma das hipóteses consideradas nesta investigação.

Tabela 2 - Síntese das Hipóteses e Variáveis.

Hipóteses	Variável independente	Variáveis dependentes
H1: O ensino do empreendedorismo influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.	Ensino do Empreendedorismo	Intenção Empreendedora Probabilidade Empreendedora Propensão Empreendedora
H2: A autoeficácia influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.	Autoeficácia	
H3: Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.	Antecedentes Familiares	
H4: A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.	Propensão para assumir riscos	

Fonte: Elaboração própria

3.4. Método utilizado

Para a análise das escalas foi empregue a Análise Fatorial Exploratória (AFE). A AFE é uma abordagem estatística a usualmente para analisar as inter-relações entre um número elevado de variáveis, condensando as informações contidas nesse conjunto de variáveis originais, num conjunto menor de variáveis, isto é, em termos das suas dimensões comuns subjacentes e com uma perda mínima de informação (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2010).

A estimação da AFE é realizada através do método das componentes principais, sendo este o procedimento padrão típico na análise fatorial exploratória (Hair et al., 2010). Para a determinação do número de fatores a reter foi empregue o critério da raiz latente (valores próprios) e da percentagem da variância total extraída. Assim, para esse efeito foram definidos os fatores com base nos valores próprios superior e cuja variância total explicada pelos fatores que sejam superiores a 60% (Hair et al., 2010).

Com o objetivo facilitar a interpretação da solução fatorial são empregues diversos métodos de rotação. A solução obtida pelo método VARIMAX tende a ser mais invariante do que a solução obtida por outros métodos, sendo a abordagem analítica predominante para a obtenção de uma rotação dos fatores (Hair et al., 2010). Para avaliar a validade da AFE utilizou-se o critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e as classificações definidas por Marôco

(2010), e o teste de esfericidade de Bartlett, indicativo da existência de correlações suficientes entre as variáveis para prosseguir a AFE (Hair et al., 2010).

Após a estimação da AFE são avaliados os pesos fatoriais de cada variável em determinado fator, uma vez que quanto mais elevado é o valor absoluto do peso fatorial maior importância tem essa variável num fator (Hair et al., 2010; Marôco, 2010). Pesos fatoriais superiores em valor absoluto a 0,50 consideram-se com significância prática, sendo essas as variáveis retidas (Hair et al., 2010; Marôco, 2010). A determinação de scores compósitos das escalas foi efetuada através do cálculo da média dos itens que compõem a mesma.

Para a validação das hipóteses de estudo foram utilizados modelos de regressão linear simples, em que a variável dependente correspondia a cada um dos construtos relativos às atitudes/intenção/comportamento empreendedor e a variável independente era cada uma das variáveis referentes às hipóteses.

Numa segunda fase foram utilizados modelos de regressão linear múltiplas, sendo as variáveis dependentes os construtos relativos às atitudes/intenção/comportamento empreendedor, e as variáveis independentes referentes às hipóteses. No caso das regressões lineares múltiplas foi analisada a existência de variáveis com potenciais efeitos de multicolinearidade através dos fatores de inflacionamento da variância (VIF), devendo estes serem inferiores a 10, idealmente inferiores a 5 (Hair et al., 2010).

3.5. Síntese dos aspetos metodológicos

Para esclarecer de uma forma mais objetiva os aspectos metodológicos utilizados para esta investigação, na Tabela 3, é possível observar uma síntese geral.

Tabela 3 - Aspectos Metodológicos da Investigação.

Unidade de Análise	Estudante do ensino superior português da região centro / Participante do CEBT
Área Geográfica	Centro de Portugal (Aveiro, Coimbra e Covilhã)
Base de Dados	Dados primários: Questionário
Plataforma de recolha de dados	GoogleForms
Período de recolha de dados	01/02/2016 a 29/02/2016
Universidades participantes	Universidade de Aveiro Universidade de Coimbra Universidade da Beira Interior
Tamanho da amostra	132
Análise de dados	Análise exploratória
Software estatístico	IBM SPSS Statistics 23

Fonte: Elaboração própria

4. Análise de Dados e Discussão de Resultados

Nesse capítulo apresenta-se o estudo das variáveis que influenciam a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro. Antes da análise de dados e discussão dos mesmos, é feita uma caracterização da amostra com o objetivo de dar uma visão de algumas informações relevantes, em relação à população que foi analisada neste trabalho.

4.1. Caracterização da Amostra

Neste trabalho, a amostra que foi considerada para análise dos resultados, contou com um total de 132 respostas dos estudantes do ensino superior português da região centro, os quais participaram no CEBT entre 2010 e 2015. Efetua-se uma caracterização da amostra com o intuito de auxiliar na análise desta investigação, para esse propósito, realizei uma caracterização em relação do Género, Idade, Situação profissional, Instituição de Ensino que frequenta e Riqueza financeira da família.

A análise do género permite observar, de forma diferenciada, como a intenção empreendedora difere em relação a cada sexo. De todos os inquiridos que reponderam, é clara a superioridade do género masculino, como pode ser observado na Tabela 4.

Tabela 4 - Distribuição por Género.

	%
Masculino	64,4%
Feminino	35,6%

Fonte: Elaboração própria

A caracterização da amostra, em relação à idade, é feita através da divisão por grupos etários, subdivididos em quatro grupos, sendo estes, (1) Menos de 25, (2) Entre 25 - 35, (3) Entre 36 - 45 e (4) Mais de 45. Os resultados obtidos podem ser observados na seguinte tabela, Tabela 5, sendo a maioria dos inquiridos, de idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos. Apresentando uma média total de idade de 32,2.

Tabela 5 - Distribuição por Grupo etário.

	%
Menos de 25	16,7%
Entre 25 - 35	55,3%
Entre 36 - 45	21,2%
Mais de 45	6,8%

Fonte: Elaboração própria

Outro aspeto interessante de se observar nos estudantes do ensino superior português da região centro, passava por conhecer qual a sua situação atualmente, podendo esta ser a sua situação profissional ou o nível de formação, obtendo desta forma uma caracterização dos respondentes. Essa caracterização pode ser observada na Tabela 6, onde é possível verificar as diferentes situações profissionais/formação, divididas pelas categorias de (1) Licenciatura, (2) Pós-Graduação, (3) Mestrado, (4) Doutoramento, (5) Trabalhador Estudante, (6) Trabalhador por conta de outrem, (7) Trabalhador por conta própria e (8) Outras. De salientar a percentagem de estudantes que tem o seu próprio negócio, mesmo não sendo a maioria, representa uma boa parte dos estudantes inquiridos.

Tabela 6 - Distribuição por situação Profissional / Formação.

	%
Mestrado	23,5%
Trabalhador por conta própria	20,5%
Trabalhador por conta de outrem	16,7%
Licenciatura	13,6%
Doutoramento	9,1%
Trabalhador Estudante	6,8%
Outras	6,1%
Pós-Graduação	3,7%

Fonte: Elaboração própria

Relativamente às instituições de ensino que frequentam os respondentes do questionário, assentam essencialmente em três, sendo elas, a Universidade de Aveiro, a Universidade de Coimbra e a Universidade da Beira Interior. Contudo, alguns dos inquiridos não colocaram uma destas instituições de ensino na sua resposta, no entanto é de salientar que todos eles

frequentaram uma destas instituições, uma vez que o CEBT apenas foi realizado, em Portugal, nestas três instituições. A maior parte dos estudantes do ensino superior português da região centro que responderam, pertencem à Universidade de Coimbra, seguida da Universidade da Beira Interior e por fim a Universidade de Aveiro. Na Tabela 7, é possível observar como se dispersam os estudantes inquiridos, neste trabalho, por cada uma delas.

Tabela 7 - Distribuição por Instituição de Ensino.

	%
Universidade de Coimbra	34,8%
Universidade da Beira Interior	28,8%
Universidade de Aveiro	25,0%
Não identificada	11,4%

Fonte: Elaboração própria

Analisando a atividade empreendedora atual, observado na Tabela 8, constata-se que 34,1% dos inquiridos iniciaram algum negócio que esteja atualmente em funcionamento, sendo estes localizados maioritariamente no local onde vive (68,9%) e implementado com parceiros (66,7%).

Tabela 8 - Distribuição da atividade empreendedora atual.

		%
Iniciou algum negócio que esteja atualmente em funcionamento	Não	65,9%
	Sim	34,1%
Localização desse novo projeto empresarial	No local onde fica a sua universidade	17,8%
	No local onde vive	68,9%
	Noutro local	13,3%
Parceiros desse novo projeto empresarial	Com parceiros	66,7%
	Sozinho	33,3%

Fonte: Elaboração própria

Relacionado com a família existe um aspeto interessante, o nível da riqueza financeira da família. Este fator pode servir como um suporte financeiro para incentivar a intenção de criar um novo projeto empresarial. As respostas relativas a este aspeto, podem ser observadas na Tabela 9, e dividem-se em cinco classes, (1) Abaixo da média, (2) Média Baixa, (3) Média (Classe Média), (4) Média Alta e (5) Acima da média (Classe alta). É na classe Média que se

obtêm mais respostas, em contraste com a classe Acima da média (Classe Alta) onde se conseguiram menos respostas.

Tabela 9 - Distribuição por Riqueza Financeira Familiar.

	%
Abaixo da média	8,3%
Média Baixa	22,7%
Média (Classe Média)	50%
Média Alta	16,7%
Acima da média (Classe alta)	2,3%

Fonte: Elaboração própria

4.2. Análise de Dados

Após a elaboração da caracterização da amostra, onde é possível ter uma imagem de algumas características dos inquiridos analisados neste trabalho, apresenta-se abaixo a análise e discussão dos resultados obtidos. Deseja-se no final constatar se os aspetos apresentados inicialmente com o modelo de análise, são comprovados pelos resultados apresentados.

4.2.1. Intenção Empreendedora

Nesta secção são avaliadas as características psicométricas da escala da intenção empreendedora. Os resultados da utilização da estimação da AFE revelam que os dados adequam-se à sua aplicação, pois vez a estatística de KMO ($KMO = 0,808$) e o teste de Bartlett ($\chi^2(45) = 479,6$; $p < 0,001$) apresenta valores considerados bons.

Apesar destes resultados, o item “Não lê livros sobre como implementar um novo projeto empresarial” saturava em dois fatores, uma vez que revelava cargas fatoriais elevadas em ambos os fatores, e o “Não tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial” possuía cargas fatoriais nos fatores extraídos inferiores a 0,5, pelo que foram retiradas da análise. Após a remoção destes itens obtiveram-se valores da estatística de KMO ($KMO = 0,798$) e do teste de Bartlett ($\chi^2(28) = 378,07$; $p < 0,001$) adequados à aplicação da AFE.

A Tabela 10 apresenta os fatores estimados relativos à escala de intenção empreendedora, onde cada grupo passa a representar um fator e, portanto, deve receber uma nomeação adequada à natureza das variáveis que o compõem, e os valores servem para verificar a qual

fator a variável pertence, e o impacto da variável no fator. São também apresentados os *eigenvalues*, a variância explicada por cada fator e o Alpha de Cronbach, resultantes da segunda aplicação da AFE alusivos.

A estrutura fatorial deste conjunto de itens é constituída por dois fatores, que explicam na totalidade 61,6% da variância total das variáveis. O primeiro fator retido, denominado “Probabilidade empreendedora”, explica 34,2% da variância total das variáveis e possui uma elevada consistência interna (Alfa de Cronbach = 0,809).

O segundo fator extraído, denominado “Propensão empreendedora”, explica 27,5% da variância total das variáveis e possui uma consistência interna aceitável (Alfa de Cronbach = 0,753). Na globalidade, a escala de intenção empreendedora (10 itens) revela uma boa consistência interna (Alfa de Cronbach = 0,826).

Tabela 10 - Análise Fatorial para Intenção Empreendedora.

	Componente	
	1	2
Procura oportunidades para criar um novo negócio		0,805
Está a poupar dinheiro para começar um novo projeto empresarial	0,542	
Tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial	0,806	
Despende tempo a aprender sobre como criar um novo projeto empresarial		0,682
Tem imaginação para novos produtos		0,863
Gostaria de gerir uma empresa		0,744
Gostaria de criar algo novo		0,779
Tem intenção de criar um novo projeto empresarial no futuro	0,795	
<i>Eigenvalues</i>	3,64	1,28
% de variância explicada	34,2	27,5
Alfa de Cronbach	0,809	0,753
Alfa de Cronbach total	0,826	

Fonte: Elaboração própria

Os scores compósitos das escalas de Probabilidade empreendedora, Propensão empreendedora e intenção empreendedora indicam que quanto mais elevado é o mesmo, maior é a probabilidade, a propensão e intenção empreendedoras dos inquiridos.

4.2.2. Ensino do Empreendedorismo

Tendo em vista a caracterização do ensino do empreendedorismo dos 132 alunos inquiridos para a investigação, foram empregues as variáveis alusivas à frequência atual ou passada de unidades curriculares com abordagem aos temas do empreendedorismo, da criação de novas empresas ou da inovação, e se a escolha dessas unidades curriculares foi opcional, sendo os resultados apresentados na Tabela 11.

Observa-se que 61,4% dos inquiridos frequentaram, ou frequentam atualmente, unidades curriculares que abordem os temas do empreendedorismo, da criação de novas empresas ou da inovação e em 66,7% desses casos a escolha foi opcional.

Tabela 11 - Distribuição das respostas a Ensino do Empreendedorismo.

		%
Já frequentou, ou frequenta presentemente, unidades curriculares que abordem os temas do empreendedorismo, da criação de novas empresas ou da inovação?	Não	38,6%
	Sim	61,4%
Alguma, das unidades curriculares, foi de escolha opcional?	Não	33,3%
	Sim	66,7%

Fonte: Elaboração própria

4.2.3. Autoeficácia

Nesta secção é efetuada uma caracterização da escala de Autoeficácia. Os resultados da utilização da estimação da AFE revelam que os dados adequam-se à aplicação desta, uma vez que a estatística de KMO (KMO = 0,909) e o teste de Bartlett ($X^2(45) = 618,70$; $p < 0,001$) apresenta valores excelentes.

A Tabela 12 apresenta os fatores criados alusivos à escala de Autoeficácia, os *eigenvalues*, a variância explicada por cada fator e o Alpha de Cronbach. A estrutura fatorial deste conjunto de itens é unifatorial, que explica 53,2% da variância total das variáveis e com uma consistência interna muito elevada (Alfa de Cronbach = 0,896).

Tabela 12 - Análise Fatorial para Autoeficácia.

	Componente
	1
Consegue sempre resolver problemas difíceis se se esforçar o suficiente	0,765
Se alguém se lhe opuser, consegue encontrar os meios e as formas necessárias para conseguir o que quer	0,675
É fácil manter-se fiel aos seus objetivos e atingi-los	0,642
É confiante de que consegue lidar de forma eficiente com os eventos inesperados	0,792
Graças às suas competências e capacidades, sabe que consegue lidar com situações imprevistas	0,768
Consegue resolver a maioria dos problemas se investir o esforço necessário	0,672
Quando confrontado com situações difíceis, consegue permanecer calmo(a) porque pode confiar na sua capacidade em estar à altura da situação	0,726
Quando confrontado com um problema, consegue, normalmente, encontrar várias soluções	0,770
Se está com dificuldades, consegue, normalmente, pensar numa solução	0,788
Normalmente, consegue lidar com qualquer coisa que se depare no seu caminho	0,676
<i>Eigenvalues</i>	5,32
% de variância explicada	53,2
Alfa de Cronbach	0,896

Fonte: Elaboração própria

O score compósito da escala de Autoeficácia indica que quanto mais elevado é o mesmo, maior será a autoeficácia percebida pelos inquiridos.

4.2.4. Antecedentes Familiares

Relativamente aos antecedentes familiares, Tabela 13, observa-se que 22,7% dos pais/tutores, irmãos ou avós dos inquiridos que criaram algum projeto empresarial durante os últimos 365 dias, os seus pais/tutores de 34,1% dos sujeitos incluídos na investigação criaram um projeto empresarial alguma vez, em 86,7% destes casos ocorreu impacto na sua confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial e em 22,2% envolveram um projeto empresarial que tenha falhado.

Relativamente a irmãos dos inquiridos, 12,9% criaram um projeto empresarial, 82,4% desses negócios tiveram impacto na confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial e 41,2% envolveram projetos empresariais que falharam.

Quanto aos avós, 23,5% criaram um projeto empresarial, 71,0% desses negócios tiveram impacto na confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial e 9,7% correspondiam a projetos empresariais que falharam.

Tabela 13 - Distribuição das respostas a Antecedentes Familiares.

		%	
Durante os últimos 365 dias os seus pais/tutores, irmãos ou avós criaram algum projeto empresarial		Não	77,3%
		Sim	22,7%
Pais	Os seus pais / tutores alguma vez criaram um projeto empresarial	Não	65,9%
		Sim	34,1%
	Esse caso "teve impacto", ou "não teve impacto" na sua própria confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial	Não teve impacto	13,3%
		Teve impacto	86,7%
Envolveu um projeto empresarial que tenha falhado	Não	77,8%	
	Sim	22,2%	
Irmãos	O(s) seu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) já alguma vez criaram um projeto empresarial	Não	87,1%
		Sim	12,9%
	Esse caso "teve impacto", ou "não teve impacto" na sua própria confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial	Não teve impacto	17,6%
		Teve impacto	82,4%
Envolveu um projeto empresarial que tenha falhado	Não	58,8%	
	Sim	41,2%	
Avós	Os seus avós alguma vez criaram um projeto empresarial	Não	76,5%
		Sim	23,5%
	Esse caso "teve impacto", ou "não teve impacto" na sua própria confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial	Não teve impacto	29,0%
		Teve impacto	71,0%
Envolveu um projeto empresarial que tenha falhado	Não	90,3%	
	Sim	9,7%	

Fonte: Elaboração própria

4.2.5. Propensão para assumir riscos

Nesta secção é efetuada uma caracterização da escala de Propensão para assumir riscos. A aplicação AFE revela que os dados adequam-se à sua aplicação, uma vez que a estatística de KMO ($KMO = 0,796$) e o teste de Bartlett ($X^2(6) = 210,17$; $p < 0,001$) apresenta bons valores.

A Tabela 14 apresenta os fatores criados alusivos à escala de Propensão para assumir riscos, os *eigenvalues*, a variância explicada por cada fator e o Alpha de Cronbach. A estrutura fatorial deste conjunto de itens é composta por um único fator, que explica 68,3% da variância total das variáveis e com uma consistência interna elevada (Alfa de Cronbach = 0,842).

Tabela 14 - Análise Fatorial para Propensão para Assumir Riscos.

	Componente
	1
Quando escolho um emprego ou uma empresa para quem trabalhar, não estou disposto a correr riscos.	0,794
Prefiro um emprego de baixo risco / elevada segurança com um salário fixo, do que um emprego que tenha um elevado risco / elevada remuneração associada.	0,831
Prefiro manter-me num emprego em que lide com problemas que já conheça, do que assumir os riscos associados a um novo emprego com novos e desconhecidos problemas, mesmo que esse novo emprego ofereça grandes recompensas.	0,830
Vejo o risco no emprego como sendo uma situação a ser evitada, a todo o custo.	0,849
<i>Eigenvalues</i>	2,73
% de variância explicada	68,3
Alfa de Cronbach	0,842

Fonte: Elaboração própria

O score compósito da escala de Propensão para assumir riscos indica que quanto mais elevado é o mesmo, maior é propensão dos inquiridos para assumir riscos.

4.3. Análise e Discussão dos Resultados

Tendo em vista a avaliação das hipóteses de estudo foram utilizadas regressões lineares múltiplas, sendo os resultados apresentados na Tabela 15.

Analisando os resultados constata-se que as variáveis ensino do empreendedorismo, autoeficácia, antecedentes familiares e propensão para assumir riscos, explicam 30,9% da variabilidade total da intenção empreendedora, 19,1% da variabilidade total da probabilidade empreendedora e 29,0% da variabilidade total da Propensão empreendedora.

Uma vez que nos três modelos as Estatísticas F têm $p < 0,05$, os modelos predizem significativamente a Intenção, Probabilidade e Propensão empreendedoras.

Tabela 15 - Modelos de Regressões Lineares Múltiplas.

	Intenção empreendedora			Probabilidade empreendedora			Propensão empreendedora		
	β	t	p	β	t	p	β	t	p
Constante		6,77	0,000		5,28	0,000		6,12	0,000
Ensino do Empreendedorismo	0,19	2,37	0,019*	0,19	2,18	0,031*	0,14	1,66	0,099
Autoeficácia	0,21	2,68	0,008*	0,19	2,17	0,032*	0,14	1,74	0,084
Propensão para assumir riscos	0,34	4,04	0,000*	0,17	1,88	0,062	0,46	5,33	0,000*
Pais, irmãos ou avós criaram projeto empresarial no último ano	0,26	2,30	0,023*	0,23	1,88	0,062	0,17	1,50	0,137
Pais/tutores criaram um projeto empresarial	-0,02	-0,13	0,894	0,06	0,53	0,600	-0,07	-0,66	0,514
Irmãos criaram um projeto empresarial	-0,11	-1,38	0,169	-0,06	-0,61	0,541	-0,08	-0,91	0,364
Avós criaram um projeto empresarial	-0,13	-1,27	0,206	-0,15	-1,39	0,166	-0,13	-1,29	0,199
R ²	0,309			0,191			0,290		
R ² ajustado	0,270			0,145			0,250		
F	7,91*			4,18*			7,23*		

* $p < 0,05$; β - coeficientes de regressão estandardizados; t - Teste t-student; F - Estatística F

Fonte: Elaboração própria

Em termos de efeitos na intenção empreendedora constata-se que o ensino do empreendedorismo ($\beta = 0,19$; $t = 2,37$; $p = 0,019$), a Autoeficácia ($\beta = 0,21$; $t = 2,68$; $p = 0,008$), o facto de os Pais, irmãos ou avós criaram projeto empresarial no último ano ($\beta = 0,26$; $t = 2,30$; $p = 0,023$) e a propensão para assumir riscos ($\beta = 0,34$; $t = 4,04$; $p < 0,001$), predizem significativamente intenção empreendedora.

Da análise do sinal dos coeficientes estandardizados conclui-se que o ensino do empreendedorismo aumenta significativamente a intenção empreendedora, assim como, quanto maior é a autoeficácia e a propensão para assumir riscos, mais elevada é a intenção empreendedora. No caso dos inquiridos em que os pais, irmãos ou avós criaram projeto empresarial no último ano (Antecedentes Familiares) há um incremento estatístico da intenção empreendedora.

Foi ainda possível concluir com base nos coeficientes estandardizados que a propensão para assumir riscos e os antecedentes familiares são, por esta ordem, as variáveis com maior peso na intenção empreendedora.

Quanto aos efeitos na probabilidade empreendedora observa-se que o ensino do empreendedorismo ($\beta = 0,19$; $t = 2,18$; $p = 0,031$) e a autoeficácia ($\beta = 0,19$; $t = 2,17$; $p = 0,032$) influenciam significativamente a Probabilidade empreendedora, em que o ensino do empreendedorismo aumenta significativamente a probabilidade empreendedora e quanto maior é a autoeficácia, mais elevada é a probabilidade empreendedora.

Relativamente aos fatores que predizem estatisticamente a propensão empreendedora observa-se que somente a propensão para assumir riscos ($\beta = 0,46$; $t = 5,33$; $p < 0,001$) influencia significativamente esta, sendo que a propensão para assumir riscos incrementa significativamente a propensão empreendedora.

Finalizando este capítulo da análise de dados e discussão de dados, apresentam-se de seguida o teste das hipóteses inicialmente propostas.

H1: O ensino do empreendedorismo influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.

Ao realizar as regressões lineares múltiplas, pode-se constatar que o ensino do empreendedorismo exerce influência positiva na intenção empreendedora, bem como na probabilidade empreendedora dos inquiridos, uma vez que o ensino do empreendedorismo aumenta significativamente a intenção empreendedora ($\beta = 0,19$) e a probabilidade empreendedora ($\beta = 0,19$).

Estes resultados permitiram comprovar a Hipótese 1 (O ensino do empreendedorismo influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro), tal como demonstrado pela maioria das investigações apresentados na revisão da literatura, referente ao ensino do empreendedorismo (Krueger, Reilly e Carsrud, 2000; Lüthje e Franke, 2003; Honig, 2004; Carrier, 2005; Kuratko, 2005; Moreira e Silva, 2008; Naia, 2009; Liñan e Chen, 2009; Rodrigues, et al. ,2010). No entanto, o trabalho de Fayolle, Gailly e Lassas-Clerc (2006), contradiz esta hipótese, onde indicam que não existe um impacto significativo na intenção empreendedora dos estudantes após finalizarem o mesmo, em relação aos que frequentaram um curso onde é abordado o ensino do empreendedorismo.

H2: A autoeficácia influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português na região centro.

Os resultados anteriores permitiram constatar que a autoeficácia exerce um efeito positivo na intenção empreendedora, tal como na probabilidade empreendedora dos inquiridos, uma vez que quanto maior é a autoeficácia, mais elevada é intenção empreendedora ($\beta = 0,21$) e a probabilidade empreendedora ($\beta = 0,19$).

Estes resultados permitiram comprovar a Hipótese 2 (A autoeficácia influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português na região centro), obtendo os resultados que corroboram com algumas das investigações abordadas na revisão da

literatura (Chen, Boyd e Vozikis, 1994; Greene e Crick, 1998; Noble, Jung, Ehrlich, 1999; Zhao, Seibert e Hills, 2005; Shook e Bratianu, 2008; Lee, et al., 2011; Setiawan, 2014).

H3: Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.

Face aos resultados da Tabela 8 constata-se que antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora, em que se os pais, irmãos ou avós criaram projeto empresarial no último ano existe um incremento significativo da intenção empreendedora ($\beta = 0,26$).

Estes resultados permitiram comprovar a Hipótese 3 (Os antecedentes familiares influenciam positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro), contrariamente aos estudos que afirmam que não existe uma influência significativa na intenção empreendedora, para indivíduos que apresentem um *background* familiar empresarial (Peng, Lu e Kang, 2012; Krueger, Reilly e Carsrud, 2000). No entanto, foram apresentados trabalhos na revisão da literatura que atestam os resultados obtidos (Shapero e Sokol, 1982; Davidsson, 1995; Kolvereid, 1996; Chua, Chrisman e Sharma, 1999; Delmar e Davidsson, 2000; Bohnenberger, Schmidt e Freitas, 2007; Franco, Haase e Lautendchäger, 2010; Rodrigues et al., 2010).

H4: A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro.

No que respeita à Hipótese 4, pode-se constatar que a propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora, uma vez que quanto maior é a propensão para assumir riscos, maior é intenção empreendedora ($\beta = 0,34$) e a propensão empreendedora ($\beta = 0,46$).

Estes resultados permitiram comprovar a Hipótese 4 (A propensão para assumir riscos influencia positivamente a intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português da região centro), seguindo a linha dos trabalhos referenciados na revisão da literatura e que confirmam, também, este resultado (Sagie e Elizur, 1999; Stewart e Roth, 2001; Van Praga e Cramer, 2001; Fitzsimmons e Douglas, 2005; Gürol e Atsan, 2006; Teixeira, 2008; Gurel, Altinay e Daniele, 2010).

5. Conclusões, Limitações e Futuras Linhas de Investigação

Este capítulo finaliza o presente trabalho, e são apresentadas as principais conclusões da investigação, assim como as limitações encontradas e as futuras linhas de investigação.

5.1. Conclusões

Começou-se esta investigação como objectivo principal de identificar e analisar os fatores determinantes, (1) Ensino do Empreendedorismo, (2) Autoeficácia, (3) Antecedentes Familiares, (4) Propensão para assumir riscos, que influenciam as intenções empreendedoras dos estudantes do ensino superior universitário português da região centro. Através da revisão da literatura, decidiu-se estudar também, duas dimensões que derivam da intenção empreendedora, a probabilidade empreendedora e a propensão empreendedora. Percebendo de que forma os fatores determinantes influenciariam estas duas dimensões da intenção empreendedora. Desta forma, foram escolhidas as variáveis a utilizar no presente estudo, apresentando como variáveis dependentes a intenção, a probabilidade e a propensão empreendedoras, e como variáveis independentes, o ensino do empreendedorismo, a autoeficácia, os antecedentes familiares e a propensão para assumir riscos. Que posteriormente levaram à formulação das hipóteses de investigação.

A eleição do tema deste trabalho deve-se não só à natureza do Mestrado em Empreendedorismo e Criação de Empresas, onde é abordado o tema do empreendedorismo no seu plano de estudos, como também da importância do mesmo na criação de emprego e desenvolvimento da região centro através da criação de novos projetos empresariais. Daí a escolha dos inquiridos, ser apenas de alunos que frequentaram o CEBT que, em Portugal, contou com a parceria das Universidades da região centro, a Universidade de Aveiro, a Universidade de Coimbra e a Universidade da Beira Interior.

Feita a revisão da literatura foi possível elaborar as hipóteses de investigação que, posteriormente, foram testadas na análise de dados. Foi possível constatar ao testar as hipóteses, que todas (H1, H2, H3 e H4) podem ser comprovadas, ou seja, o Ensino do empreendedorismo, a autoeficácia, os antecedentes familiares e a propensão para assumir riscos influenciam positivamente a intenção empreendedora. Para a variável probabilidade empreendedora, esta é influenciada positivamente, pelo Ensino do Empreendedorismo e pela autoeficácia. Relativamente à propensão Empreendedora, é influenciada positivamente apenas pela propensão para assumir riscos.

Para a análise das relações entre as variáveis foi realizado uma regressão linear múltipla, onde é possível identificar quais os fatores determinantes (variáveis independentes) que

predizem as intenções / atitudes (variáveis dependentes) dos estudantes do ensino superior português.

Ao analisar a relação entre o ensino do empreendedorismo e a intenção empreendedora é possível constatar que, o ensino do empreendedorismo tem uma influência significativa na intenção empreendedora e na probabilidade empreendedora dos estudantes do ensino superior português. No entanto, esta é a variável com menor peso na concepção da intenção empreendedora. Esta conclusão é apoiada pela revisão da literatura elaborada nesta investigação, a qual salienta o importante papel das instituições de ensino no fomento do espírito empreendedor, através da partilha de experiências e novos conhecimentos. Desta forma procura-se desenvolver e estimular atitudes empreendedoras dos estudantes que frequentam este tipo de aprendizagem, dando-lhes novos horizontes no mercado de trabalho. Isto porque, os empreendedores são vistos como fortes impulsionadores económicos, através da criação das suas ideias e projetos, gerando desta forma emprego e investimento.

Ao analisar a relação entre a autoeficácia e a intenção empreendedora é possível constatar que, a autoeficácia exerce uma influência significativa na intenção empreendedora e na probabilidade empreendedora dos estudantes do ensino superior português, levando estes a criar novos projetos empresariais. Esta conclusão é suportada pela revisão da literatura efectuada, que determina a autoeficácia como uma das principais características de um empreendedor. Exerce um papel importante no desempenho de novas tarefas que o indivíduo tem em executar com sucesso, criando desta forma uma motivação extra. A autoeficácia está diretamente relacionada com as intenções empreendedoras, pois determina a intenção e a probabilidade de criar um novo projeto empresarial. Desta forma observa-se, que quanto maior é a autoeficácia, mais elevada será a intenção empreendedora e a probabilidade empreendedora.

Ao analisar a relação entre os antecedentes familiares e a intenção empreendedora é possível constatar que, os antecedentes familiares exercem uma influência significativa na intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior português. Esta conclusão é comprovada pela maioria dos trabalhos apresentados na revisão da literatura referente aos antecedentes familiares, que apresentam a importância da família na influência da intenção empreendedora de um indivíduo. Os antecedentes familiares têm um papel importante na definição das atitudes de um indivíduo, no caso de este pertencer a uma família com histórico empreendedor, existe um fator influenciador da intenção empreendedora. O núcleo familiar, principalmente os pais, representam um dos maiores fatores impulsionares na intenção de criar um novo projeto empresarial, criando inconscientemente um ambiente empreendedor no qual a família se sente envolvida, ou seja, os descendentes de uma família com um *background* empreendedor estão mais predispostos a criar um novo negócio.

Ao analisar a relação entre a propensão para assumir riscos e a intenção empreendedora é possível constatar que, a propensão para assumir riscos exerce uma influência significativa na intenção empreendedora e na propensão empreendedora dos estudantes do ensino superior português, sendo esta a variável de maior peso na geração da intenção empreendedora. Esta conclusão é sustentada pela maioria da revisão da literatura realizada. A propensão para assumir risco é característica que diferencia os empreendedores, pois estes estão mais predispostos a correr riscos do que aqueles que não o são. Assim, é possível considerar que a propensão para assumir riscos representa uma parte fundamental no papel do processo empreendedor. Pois os indivíduos com um elevado nível de propensão a assumir riscos, conseguem lidar de uma forma mais natural com os riscos que tomam, identificando por vezes oportunidades onde outros apenas viam barreiras. No entanto, o medo de falhar e consequentemente a assunção de riscos continua presente na literatura como uma das barreiras ao empreendedorismo. Contudo, no presente trabalho, constata-se que quanto mais elevada é a propensão para assumir riscos, maior é intenção empreendedora e a propensão empreendedora. Ou seja, o indivíduo que está disposto a assumir riscos, terá uma intenção e propensão maiores para criar o seu próprio negócio.

Através da revisão da literatura é possível concluir que estes fatores determinantes da intenção empreendedora são essenciais na sua determinação, tal como comprovado pela investigação. Salientando os resultados obtidos, onde se apresentam bons índices de intenção empreendedora nos alunos do ensino superior português da região centro. No entanto, estes fatores devem ser explorados e impulsionados para que exista uma potencialização nas intenções de criar um novo projeto empresarial. O ensino do empreendedorismo deverá focar com maior atenção a propensão para assumir riscos e os antecedentes familiares. Pois é, na formação empreendedora, que se deve investir mais para criar um processo empreendedor. Ainda está muito vincada a cultura de que a característica empreendedora é inata a um indivíduo, o que leva as pessoas a pensar que apenas uma pequena parte teria a sorte de ter tal característica, aumentando a inércia das pessoas a procurar formas para se tornarem empreendedoras. Cada vez mais é necessário desenvolver competências empreendedoras, não só para gestores organizacionais, mas para qualquer cidadão. Essas competências podem ser estimuladas através da formação, onde é possível dar uma visão empreendedora a um indivíduo, como também, será fundamental na criação de pessoas pró ativas com sentido de liderança, inovadoras, sem medo de arriscar e ter visão diferente do futuro. E esta formação/cultura empreendedora, pode ser adquirida maioritariamente nas instituições de ensino, assim como, em ambiente familiar com *background* empreendedor. Em países desenvolvidos já existe nos currículos das instituições de ensino, cursos relativos ao empreendedorismo, explicando a necessidade de enfrentar o desconhecido, o medo de arriscar, bem como demonstrar a importância da inovação para a criação de desenvolvimento das empresas.

5.2. Limitações do Estudo e Futuras Linhas de Investigação

Relativamente às limitações encontradas, e como é comum em muitos outros trabalhos empíricos, o número de respostas aos questionários poderia ter sido maior. Permitiria obter uma análise e uma caracterização mais realistas dos estudantes do ensino superior português da região centro.

Como futuras linhas de investigação, seria interessante elaborar uma comparação dos resultados obtidos neste trabalho, com uma outra investigação idêntica onde fossem avaliadas as mesmas variáveis, mas aplicado a outra região de Portugal de forma a obter uma caracterização das intenções empreendedoras dos estudantes do ensino superior português. Por outro lado, propõem-se também a utilização de outros fatores determinantes da intenção empreendedora, com o objetivo de perceber qual exerce, com maior peso, influência sobre a intenção empreendedora.

Bibliografia

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior, *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, Vol. 50, n° 2, pp.179-211.
- Ajzen, I. (2012). The theory of planned behavior. In P. A. M. Van Lange, A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins (Eds.), *The handbook of theories of social psychology* (pp. 438-459). London: SAGE Publications.
- Arrighetti, A., Landini, F., Caricati, L., e Monacelli, N. (2015). Entrepreneurial intention in the time of crisis: a field study. *Economics Department Working Papers 2015-EP05*, Department of Economics, Parma University (Italy).
- Bandura , A. (1997). *Social Foundation of Thought and Action*. Prentice Hall, Englewood.
- Bandura, A. (1977). Self-Efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84(2), 191-215.
- Bandura, A. (1982). Self-Efficacy mechanism in human agency. *American Psychologist*, 37 (2),122-147.
- Bandura, A. (1989). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist*, 44, 1 175- 1 1 84.
- Bandura, A. (1991). Social cognitive theory of self-regulation. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50,248-287.
- Bandura, A. (2000). Cultivate self-efficacy for personal and organizational effectiveness. In E. A. Locke. *Handbook of principles of organization behavior*. UK Blackwell: Oxford: 120-136.
- Baum, R. e Locke, E. (2004). The relationship of Entrepreneurial Traits, Skills and Motivation to Subsequent Venture Growth. *Journal of Applied Psychology*. Vol. 89, N. 4, 587-598.
- Bird, B. (1988). Implementing Entrepreneurial Ideas: The Case for Intention. *Academy of Management Review*, Vol. 13, No. 3, 442-453.
- Bohnenberger, M., C., Schmidt, S., e Freitas, E., C. (2007). A Influência da Família na Formação Empreendedora. XXXI Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro.
- Boyd, N., Vozikis G. (1994). The influence of self-efficacy on the development of entrepreneurial intentions and actions. *Entrepreneurship: Theory and Practice* 18 (4): 63-77.
- Brandstätter, H. (2010). Personality aspects of entrepreneurship. A look at five meta-analysis. *Personality and Individual Differences*, 51(3), 222-230.
- Brockhaus, R., H. (1980). Risk Taking Propensity of Entrepreneurs, *The Academy of Management Journal*, Vol. 23, No. 3, pp. 509-520.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology* 22 (6), 723-742.
- Busenitz, L. W. (1999). Entrepreneurial risk and strategic decision making: It's a matter of perspective. *Journal of Applied Behavioral Science*, 35, 325-340.
- Carland, J., A., Carland, J.W. e Stewart W.H. (1996). Seeing what's not there: The Enigma of Entrepreneurship, *Jornal of Small Business*, Vol.7, No.1.
- Carrier, C. (2005). Pedagogical challenges in entrepreneurship education. In P. Kyrö & C. Carrier (Eds.), *The dynamics of learning entrepreneurship in a cross-cultural university context* (pp. 136-158).

- Carvalho, P., M., R., González, L. (2006). Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. *Comportamento Organizacional e Gestão*. Vol. 12, N. 1, pp. 43-65.
- Chen, C. C., Greene, P. G., Crick, A. (1998). Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? *J. Bus. Ventur.*, 13(4).
- Cheung, C. (2008). Entrepreneurship education in Hong Kong's secondary curriculum - Possibilities and limitations. *Education and Training*. Vol. 50, N. 6, pp. 500-515.
- Chua, J.H., Chrisman, J.J., Sharma, P. (1999). Defining the family business by behavior. *Entrepreneurship Theory & Practice* 23 (4), 19-39.
- Comissão Europeia, (2013). Parecer do Comité das Regiões - Plano de Ação Empreendedorismo 2020. *Jornal Oficial da União Europeia*, C 356/12.
- Cromie, S. (2000). Assessing entrepreneurial inclinations: Some approaches and empirical evidence, *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 9:1, 7-30.
- Cunningham, J., B., Lischeron, J. (1991). *Journal of Small Business Management*, 29, 1, ABI/INFORM Global pg. 45-61.
- Davidsson, P. (1995). Determinants of Entrepreneurial Intentions. In: Conferência Rent IX, Piacenza, Itália, 23-24 de Novembro.
- De Noble, A. F., Jung, D., Ehrlich, S. B. (1999). Entrepreneurial Self-efficacy: the Development of a Measure. Online: http://fusionmx.babson.edu/entrep/fer/papers99/I/I_C/IC.html. Acedido:10/12/2015
- Delmar, F., e Davidsson, P. (2000). Where do they come from? Prevalence and characteristics of nascent entrepreneurs. *Entrepreneurship & Regional Development*, 12(1), 1-23.
- Díaz, J. C, Hernández, R. e Barata, M. L. (2004). Estudiantes universitarios y creación de empresas. Un análisis comparativo entre España y Portugal. *Conocimiento, innovación y emprendedores*. Camino al futuro, pp. 1-18.
- Elaine, R. C., Gray, D. O. (2013). Does Entrepreneurship Education Really Work? A Review and Methodological Critique of the Empirical Literature on the Effects of University-Based Entrepreneurship Education. *Journal of Small Business Management*, 51(3), pp. 329-51.
- Fayolle A., Linan F., Moriano J.A. (2014). Beyond entrepreneurial intentions: Values and motivations in entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal* 10(4): 679-689.
- Fayolle, A. e Gailly, B. (2004). Using the theory of planned behaviour to assess entrepreneurship teaching programs: a first experimentation. *IntEnt2004 Conference*, Nápoles.
- Fayolle, A., Gailly, B., Lassas-Clerc, N. (2006). Assessing the impact of entrepreneurship education programmes: a new methodology. *J. Eur. Ind. Train.*, 30(9).
- Fishbein, M., Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention and behavior: An Introduction to Theory and Research*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Fitzsimmons, J., Douglas, E.J. (2005). Entrepreneurial attitudes and entrepreneurial intentions: A crosscultural study of potential entrepreneurs in India, China, Thailand and Australia: Babson- Kauffman Entrepreneurial Research Conference, Wellesley.
- Franco, M., Haase, H. and Lautendchäger, A. (2010). Students' Entrepreneurial Intentions: An Inter-Regional Comparison, *Education + Training*, Vol. 52, Nº 4, pp. 260-275.

GEM Portugal 2013 - 2004-2013: Uma Década de Empreendedorismo em Portugal. Acedido a 12/11/2015 <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/8058>>.

Gibb, A. (2002). In pursuit of a new 'enterprise' and 'entrepreneurship' paradigm for learning: creative destruction, new values, new ways of doing things and new combinations of knowledge. *International Journal of Management Reviews*, 4(3), 233-269.

Gurel, E., Altınay, L., e Daniele, R. (2010). Tourism students' entrepreneurial intentions. *Annals of Tourism Research*, Vol. 37, No. 3, pp. 646-669.

Gurool, Y., Atsan, N. (2006). Entrepreneurial characteristics amongst university students: Some insights for entrepreneurship education and training in Turkey. *Education and Training*, 48(1), 25-38.

Haase, A., Lautenschlager, A. (2011). The Teachability Dilemma of Entrepreneurship. *International Entrepreneurship Management Journal*, Cilt 7, pp. 145-162.

Hair, J. F., Black, B., Babin, B., Anderson, R. E., e Tatham, R. L. (2010). *Multivariate Data Analysis* (7th Editio). London, United Kingdom: Pearson Prentice Hall.

Henry, C., Hill, F., Leitch, C. (2005), *Entrepreneurship education and training: can entrepreneurship be taught? Part I. Education + Training*. Emerald Group Publishing Limited, Vol. 47 No. 2, pp. 98-111.

Honig, B. (2004). Entrepreneurship education: Toward a model of contingency-based business planning. *Academy of Management Learning and Education*, 3(3), 258-273.

Katz, J.A., Gartner, W.B. (1988). Properties of emerging organizations. *Academy of Management Review*, Vol. 13, No. 3, 442-453.

Kolvereid, L. (1996). Prediction of employment status choice intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 21 (1), 47.

Kristiansen, S., Indarti, N. (2004). Entrepreneurial Intention among Indonesian and Norwegian Students. *Journal of Enterprising Culture*, v. 12, n.1, p.55-74.

Krueger, N. F. Jr., Reilly D., Carsrud, L. (2000), Competing models of entrepreneurial intentions, *Journal of Business Venturing*, V. 15, Pages 411-432, ISSN 0883-9026.

Krueger, N., Carsrud, A. (1993). Entrepreneurship Intentions: Applying the Theory of Planned Behavior. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 5, p. 316-323.

Krueger, N.F. (2009). Entrepreneurial intentions are dead: Long live entrepreneurial intentions. In A.L. Carsrud & M. Brännback (Eds.), *Understanding the entrepreneurial mind, international studies in entrepreneurship* (pp. 51-72). New York: Springer.

Krueger, N.F., Reilly, M.D., & Carsrud, A.L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing* 15, 411-432.

Kuratko, D.F. (2005). The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(5), 577-597.

Kyro, P., Carrier, C. (2005). Entrepreneurial learning in universities: Bridges across borders. In P. Kyrö & C. Carrier (Eds.), *The dynamics of learning entrepreneurship in a cross-cultural university context* (pp. 14-43).

Lakatos, E., M., Marconi, M., A. (2003). *Metodologia científica: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

- Lee, L., Wong, P.K., Der Foo, M., Leung, A. (2011). Entrepreneurial intentions: The influence of organizational and individual factors. *Journal of business venturing*. 26(1): 124-136.
- Lee, S.H., Wong, P.K. (2004). An exploratory study of technopreneurial intentions: A career anchor perspective. *Journal of Business Venturing*, 19(1), 7-28.
- Liñán, F. (2004). Intention-based models of entrepreneurship education. *Piccola Impresa/Small Business*, 2004(3), 11-35.
- Liñán, F., Chen, Y. W. (2009). Development and Cross Cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593-617.
- Liñan, F., Fayolle, A. (2015). A Systematic Literature Review on Entrepreneurial Intentions; Citation, Thematic Analyses and Research Agenda. *International Entrepreneurship Management Journal*.
- Liñan, F., Moriano, J., Jaén, I. (2016), "Individualism and entrepreneurship: Does the pattern depend on the social context?", *International Small Business Journal*, pp. 1-17.
- Lucas, E. (2001) - A Disseminação Da Cultura Empreendedora e a Mudança Na Relação Universidade-Empresa. II EGEPE. p. 241-252. Londrina. (ISSN 1518-4382).
- Lumpkin, G., Dess, G. (1996). Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. *Academy of Management Review*, 21(1), 135-172.
- Lüthje, C., Franke, N. (2003). The 'making' of an entrepreneur: testing a model of entrepreneurial intent among engineering students at MIT. *R&D Management* 33 (2), 135-147.
- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística - com a utilização do SPSS (3a Edição)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Matthews, C., H., Moser, S., B. (1996). A longitudinal investigation of the impact of family background and gender on interest in small firm ownership. *Journal of Small Business Management*, 34, 2; ProQuest, pg. 29.
- McClelland, D. (1961). *The achieving society*, The Free Press, London.
- Moreira, J. e Silva, M. J. (2008). Empreendedorismo Tecnológico: Métodos e Técnicas de Ensino", *Actas das XVII International Conference AEDEM, Universidad, Sociedad y Mercados Globales*", organizadas pela Universidad Federal de Bahía, Brasil. p. 627-637, ISBN -13: 978-84-691-5567-4.
- Moreira, R. (2011). Empreendedorismo na Universidade do Minho - O caso dos diplomados das ciências sociais. *Centro de Investigação em Ciências Sociais - Working paper 4* , pp. 1-17.
- Naia, A. (2009). Importância da formação inicial no empreendedorismo: estudo do percurso empreendedor de licenciados da FMH. *Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa*.
- Naia, A. (2013). *Entrepreneurship education in sport sciences : implications for curriculum development*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana.
- Obschonka, M., Silbereisen, R. K., & Schmitt-Rodermund, E. (2010). Entrepreneurial intention as developmental outcome. *Journal of Vocational Behavior*, 77(1), 63-72.
- Peng, Z., Lu, G., e Kang, H. (2012). Entrepreneurial Intentions and Its Influencing Factors: A Survey of the University Students in Xi'an China. *Creative Education*. Vol.3, 95-100.
- Perugini, M., Bagozzi, R.P. (2001). The role of desires and anticipated emotions in goal-directed behaviours: Broadening and deepening the theory of planned behaviour. *British Journal of Social Psychology*, 40(1), 79-98.

Pinho, L. M., & Gaspar, F. A. (2012). Intenção empreendedora dos estudantes no ensino superior politécnico em Portugal. *Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica*, 22.

Raposo, M., Paço, A. e Ferreira, J. (2008). Entrepreneur's profile: a taxonomy of attributes and motivations of university students. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 15(2), 405-418.

Redford, D. (2006). Entrepreneurship education in Portugal: 2004/2005 national survey. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 12(1), 19-41.

Redford, D. T. (2008). The state of entrepreneurship education in Portugal: an empirical study on a nascent system in the European Union policy framework. Tese de doutoramento. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Rodrigues, R. G., Raposo, M., Ferreira, J. M., Paço, A. M. F. (2010). Entrepreneurship education and the propensity for business creation: testing a structural model. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 9(1), 58-73.

Sagie, A., Elizur, D. (1999). Achievement motive and entrepreneurial orientation: a structural analysis, *Journal of Organizational Behavior*, Vol. 20, pp.375-387.

Santos, F., Liñán, F. (2007). Measuring entrepreneurial quality in southern Europe, *International Entrepreneurship and Management Journal*, Vol. 3, n° 1, pp. 87-107.

Santos, S., C., Caetano, A., e Curral, L. (2010). Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo: Como identificar o potencial empreendedor? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 9(4), 2-14.

Schumpeter, J. A. (1984). *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro : Zahar.

Setiawan, J.L. (2014). Examining Entrepreneurial Self-efficacy among Students, *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, V. 115, 235-242, ISSN 1877-0428.

Shapero, A., Sokol, L. (1982). The Social Dimensions of Entrepreneurship. In: *Encyclopedia of Entrepreneurship*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall Inc. 1982, p. 72-90.

Shinnar, R., Pruett, M., e Toney, B. (2009), Entrepreneurship education: attitudes across campus. *Journal of Education for Business*, vol. 84(3), pp. 151-159.

Sieger, P., Fueglistaller, U., Zellweger, T. (2011). Entrepreneurial Intentions and Activities of Students across the World. International report of the Global University Entrepreneurial Spirit Students' Survey project (GUESSS 2011).

Silva, M., A., Gomes, L., e Correia, M. (2009). Entrepreneurial culture: a comparative study of entrepreneurs in Brazil and Portugal. *Revista de Administração Contemporânea*, vol.13, n.1, pp. 57-71. ISSN 1982-7849.

Sitkin, S. B., Pablo, A. L. (1992). Reconceptualizing the determinants of risk behavior. *Academy of Management Review*, 17, 9 -39.

Sitkin, S. B., Weingart, L. R. (1995). Determinants of risky decisionmaking behavior: A test of the mediating role of risk perceptions and risk propensity. *Academy of Management Journal*, 38, 1573-1592.

Spencer, L. M., Spencer, S. M. (1993). *Competence at Work: Models for Superior Performance*. New York: John Wiley & Sons.

Stajkovic, A. D., Luthans F. (1998). Self-efficacy and work related performance: A meta-analysis. *American Psychological Bulletin* 124 (2): 240-261.

Stewart, W., Roth, P. (2001). Risk propensity differences between entrepreneurs and managers: A meta-analytic review. *Journal of Applied Psychology*, 86(1): 145-153.

Tavares, C., Moura, G., Alves, J. (2013). "Educação empreendedora e a geração de novos negócios", em *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, N°.188.

Teixeira, A. A., Davey, T. (2008). Attitudes of higher education students to new venture creation: a preliminary approach to the portuguese case. *FEP Working Papers*, nº 298.

Teixeira, A., A., C. (2008), in *IFIP International Federation for Information Processing, Volume 266, Innovation in Manufacturing Networks*; ed. A. Azevedo; (Boston: Springer), pp. 325-336.

Van Praag, C., Cramer, J. (2001). The roots of entrepreneurship and labor demand: individual ability and low risk aversion, *Economica*, Vol. 68, No. 269, pp.45-62. Vol. 8, No. 3, p.31.

Vanevenhoven, J., Liguori, E. (2013). The Impact of Entrepreneurship Education: Introducing the Entrepreneurship Education Project, *Journal of Small Business Management*, 51(3), pp. 315-328.

Zhao, H., Seibert, S., Hills, G. (2005). The mediating role of self-efficacy in the development of entrepreneurial intentions. *Journal of Applied Psychology*, 90, 1265 -1272.

Anexos

Anexo 1 - Pergunta utilizada para avaliar a intenção empreendedora.

4. Pensando em si próprio, até que ponto é verdade que:

Escala de resposta
1= discorda muito.
2= discorda.
3= nem discorda, nem concorda.
4= concorda.
5= concorda muito.

<i>Escala de resposta:</i>	1	2	3	4	5
Nunca procura oportunidades para criar um novo negócio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Está a poupar dinheiro para começar um novo projeto empresarial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não lê livros sobre como implementar um novo projeto empresarial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não tem planos para criar o seu próprio projeto empresarial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Despende tempo a aprender sobre como criar um novo projeto empresarial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não tem imaginação para novos produtos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem facilidade em identificar necessidades de novos produtos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gostaria de gerir uma empresa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gostaria de criar algo novo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem intenção de criar um novo projeto empresarial no futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 2 - Pergunta utilizada para avaliar o Ensino do Empreendedorismo.

2. Indique, por favor, se já frequentou, ou frequenta presentemente, unidades curriculares que abordem os temas do empreendedorismo, da criação de novas empresas ou da inovação.

(Nota: Se a resposta for "não" passe p.f. diretamente à pergunta nº 3)

i. Sim.

ii. Não.

2.1. Se sim, indique se alguma, das unidades curriculares, foi de escolha opcional.

i. Sim.

ii. Não.

Anexo 3 - Pergunta utilizada para avaliar a Autoeficácia.

3. Indique, por favor, o seu nível de concordância em relação a cada uma das seguintes afirmações:

Escala de resposta
1= discorda muito.
2= discorda.
3= nem discorda, nem concorda.
4= concorda.
5= concorda muito.

Escala de resposta:	1	2	3	4	5
Consegue sempre resolver problemas difíceis se se esforçar o suficiente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se alguém se lhe opuser, consegue encontrar os meios e as formas necessárias para conseguir o que quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É fácil manter-se fiel aos seus objetivos e atingi-los.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É confiante de que consegue lidar de forma eficiente com os eventos inesperados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Graças às suas competências e capacidades, sabe que consegue lidar com situações imprevistas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consegue resolver a maioria dos problemas se investir o esforço necessário.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando confrontado com situações difíceis, consegue permanecer calmo(a) porque pode confiar na sua capacidade em estar à altura da situação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando confrontado com um problema, consegue, normalmente, encontrar várias soluções.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se está com dificuldades, consegue, normalmente, pensar numa solução.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Normalmente, consegue lidar com qualquer coisa que se deprece no seu caminho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 4 - Pergunta utilizada para avaliar os Antecedentes Familiares.

5. Interessa-nos a sua experiência e a experiência dos membros da sua família em projetos empreendedores.

5.1. Durante os últimos 365 dias os seus pais/tutores, irmãos ou avós criaram algum projeto empresarial?

- i. Sim.
ii. Não.

I- Na primeira coluna, responda p.f. "Sim", "Não", ou "NA" (i.e. Não sei/Não aplicável) a cada uma das seguintes questões.

II- Indique, por favor, na segunda coluna, se essas experiências "aumentaram", "diminuíram", ou "não tiveram impacto" na sua própria confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial. Se esta questão não lhe é aplicável, por não existir essa experiência, responda NA.

III - Na terceira coluna responda p.f. com "Sim", "Não", ou "NA" (i.e. Não sei/Não aplicável) se alguma dessas experiências envolveu um projeto empresarial que tenha falhado.

Nota: Entenda-se como estando nesta situação o projeto que teve de deixar de operar, enquanto organização, devido à falta de recursos e/ou problemas financeiros, o que exclui a venda, a fusão e o terminar operações porque existem melhores alternativas.)

Questão	Essas experiências a(na) sua própria confiança na capacidade de criar e gerir, com sucesso, um novo projeto empresarial.							Alguma dessas experiências envolveu um projeto empresarial que tenha falhado		
	Sim	Não	NA	Aumentaram	Diminuíram	Não tiveram impacto	NA	Sim	Não	NA
<i>Escala de resposta:</i>										
Os seus pais/tutores alguma vez criaram um projeto empresarial?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O(s) seu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) já alguma vez criaram um projeto empresarial?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os seus avós alguma vez criaram um projeto empresarial?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 5 - Pergunta utilizada para avaliar a Propensão para assumir riscos.

8. Indique, por favor, o seu nível de concordância em relação a cada uma das seguintes afirmações:

Escala de resposta
1= discorda muito.
2= discorda.
3= nem discorda, nem concorda.
4= concorda.
5= concorda muito.

<i>Escala de resposta:</i>	1	2	3	4	5
Quando escolho um emprego ou uma empresa para quem trabalhar, não estou disposto a correr riscos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prefiro um emprego de baixo risco / elevada segurança e com um salário fixo, do que um emprego que tenha um elevado risco / elevada remuneração associada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prefiro manter-me num emprego em que lide com problemas que já conheça, do que assumir os riscos associados a um novo emprego com novos e desconhecidos problemas, mesmo que esse novo emprego ofereça grandes recompensas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vejo o risco no emprego como sendo uma situação a ser evitada, a todo o custo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>